

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM DOCÊNCIA E EDUCAÇÃO

INTERNET E PROCESSOS EDUCATIVOS
EM TEMPOS DE SOCIEDADE DE CONTROLE

NILO GELAIS COSTA JUNIOR

Belo Horizonte

2016

NILO GELAIS COSTA JUNIOR

INTERNET E PROCESSOS EDUCATIVOS
EM TEMPOS DE SOCIEDADE DE CONTROLE

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado
Profissional Ensino e Docência do Departamento de
Educação da Universidade Federal de Minas Gerais
como requisito parcial à obtenção do título Mestre

Linha de pesquisa: Educação Ensino e Humanidades

Orientadora:

Profa. Dra. Renata Pereira Lima Aspis

Belo Horizonte

2016

C837i Costa, Nilo Gelais
Internet e processos educativos em tempos de sociedade de
controle / Nilo Gelais Costa. -- Belo Horizonte/MG, 2017.
74 f. : il

Orientadora: Renata Pereira de Lima Aspis.
Dissertação (Mestrado em Educação) -- Universidade Federal de Minas Gerais,
Faculdade de Educação, 2017.

1. EaD. 2. Sociedade de controle. 3. Internet. 4. Subjetividades.
I Pereira de Lima Aspis, Renata. II. Título.

CDD – 371.3078



FOLHA DE APROVAÇÃO

INTERNET E PROCESSOS EDUCATIVOS EM TEMPOS DE
SOCIEDADE DE CONTROLE

NILO GELAIS COSTA JUNIOR

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA/MP, como requisito para obtenção do grau de Mestre em EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA, área de concentração ENSINO E APRENDIZAGEM.

Aprovada em 17 de fevereiro de 2017, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Dra. Renata Pereira Lima Aspis - Orientadora
UFMG

Prof(a). Dra. Gláucia Maria dos Santos Jorge
UFOP

Prof. Dr. Paulo Henrique de Queiroz Nogueira
UFMG

Belo Horizonte, 17 de fevereiro de 2017.

RESUMO

Esta pesquisa analisou a possível relação entre Educação a Distância e Sociedades de controle. Assumindo o ponto de vista que o controle é exercido a distância, através da colaboração entre cérebros, como afirma Maurizio Lazzarato, os novos dispositivos controladores podem ser utilizados nas modalidades de educação que utilizam a Internet como plataformas. Dessa forma há a necessidade de se buscar novas armas, como aconselha Gilles Deleuze, linhas de fuga. Uma dessas novas armas pode ser o uso estratégico da Internet, criando sub-versões nos dentro da própria rede, a exemplo das produções midiáticas menos em relação aos grande empresas produtoras de conteúdo cultural.

Palavras-chave: EaD; Sociedade de controle; Internet; Subjetividades

ABSTRACT

This research analyzes a possible relationship between Education and Control Societies. Assuming the point of view that control is exercised at a distance, through collaboration between brains, as Maurizio Lazzarato says, the new controllers devices can be used in education modalities that use Internet as platform. In that way, there are a necessity to seek new weapons, as Gilles Deleuze advises, escape lines. One of these new weapons can be the use of Internet in a strategy form, creating sub-versions within the network itself, an example of less media productions for large cultural content companies

Keywords: EaD; Society of control; Internet; Subjectivity

DEDICATÓRIA

Gostaria de agradecer ao programa de mestrado profissional da Faculdade de Educação da UFMG, a Renata Aspis pela ajuda e companheirismo, a Martha Naves pela companhia e pela inspiração sobre o tema, a Juliane Corrêa por ter aberto a portas da Educação a Distância , ao Grupelho e aos colegas de orientação e a todos os colegas de mestrado pela oportunidade aprender em conjunto.

*"If the doors of perception were cleansed everything
would appear to man as it is, infinite."*

“Se as portas da percepção estivessem limpas,
tudo apareceria para o homem tal como é: infinito”

William Blake

SUMÁRIO

| | |
|---|------|
| Introdução..... | p.8 |
| Análises sobre as sociedades de controles..... | p.11 |
| O surgimento dos novos mecanismos de controle..... | p.14 |
| Multiplicidade e produção de subjetividades..... | p.20 |
| Produção das máquinas desejanter..... | p.22 |
| Dimensões semióticas da subjetivação..... | p.23 |
| EaD e controle..... | p.28 |
| As consequências na educação..... | p.31 |
| Controle, televisão e internet..... | p.33 |
| Ação a distância..... | p.35 |
| Meios para se contrapor: exemplos retirados da própria Internet..... | p.40 |
| Possíveis linhas de fuga..... | p.42 |
| <i>Is there anybody outhere?</i> (Tem alguém aí fora?) ou <i>Is there anybody in there?</i> (Por que estamos presos aqui dentro?)..... | p.44 |
| Descrição e construção do produto <i>Tem alguém aí fora?</i> | p.46 |
| Conclusão..... | p.58 |
| Referências..... | p.70 |

Introdução

No campo da educação, e mais especificamente no contexto do Ensino, Educação e Humanidades, destaca-se a atualidade do estudo sobre a influência que a tecnologia exerce nas subjetividades.

Partindo-se desse tema, são necessárias três análises: uma sobre a educação através da internet; uma outra a respeito da sociedade de controle e, finalmente, sobre os meios disponíveis para o exercício da docência.

O objetivo principal deste trabalho versa sobre os meios pelos quais os professores poderão se contrapor à sociedade de controle. Esse é, portanto, o objeto de pesquisa. Porém, a dimensão da educação através da internet (no contexto da EaD), e a própria sociedade de controle, também compõem este objeto, uma vez que delas deriva o problema, fazendo-se uma análise do ponto de vista filosófico, em que se busca uma fundamentação teórica que abrange a obra de Gilles Deleuze.

A filosofia sempre se preocupou com os problemas de seu tempo. Pode-se entender que tais problemas não se mantêm os mesmos durante o transcorrer dos anos, além de variarem de filósofo para filósofo. Segundo Foucault (1995), é papel da filosofia debruçar-se nas questões atuais, que para ele significa olhar para as subjetividades e entender como elas são enquadradas em uma normatização, um processo produtivo de subjetivação. Do ponto de vista foucaultiano, ser atual é se questionar acerca dos sujeitos e suas relações. Neste sentido, pergunta-se: qual filosofia fornece as melhores respostas às questões postas pelo mundo atual?

Numa dimensão mais ampla, o capitalismo impõe às sociedades contemporâneas signos, que se desdobram em representações de “sujeito”, “indivíduo”, “eu”, sexo, profissão, nacionalidade, etc. (LAZZARATO, 2012). Será que as antigas interpretações do capitalismo, que derivam das teorias marxistas, de um lado, e as teorias monetárias de cunho liberal, de outro, seriam eficazes em responder como o capitalismo, além de produzir desigualdade social e de renda (objetos das antigas teorias citadas acima), produz individuações que escapam às definições de lutas de classe?

Ao analisar as relações de poder, Foucault as expõe em âmbitos como o do saber e da sexualidade, e afirma que tais relações não são abrangidas pelas antigas interpretações do capitalismo nos moldes

marxistas. Por isso, as filosofias que o sucederam tinham em foco não mais esses antigos paradigmas, mas procuravam analisar seu tempo, desenvolvendo conceitos considerados mais adequados.

Uma das filosofias que se assemelham à de Foucault, é a filosofia da diferença de Deleuze e Guattari. Tendo analisado o capitalismo por essa nova ótica, tanto em *Anti-Edipo* quanto em *Mil Platôs*, ela fornece diversos elementos com os quais se pode olhar para esse “novo” capitalismo e direcionar para uma forma mais ampla de resistência. Essa é a teoria utilizada para se pensar os efeitos que o capitalismo exerce na educação.¹Embora utilize-se como referência para se pensar as sociedades de controle, um livro escrito por Deleuze, em 1990, intitulado “*Post scriptum para as sociedades de controle*”, entende-se que esta problematização se faz presente em boa parte da obra do autor, inclusive e com certa periodicidade, aquela ao qual Felix Guattari estava presente. Entende-se, portanto, que sociedade de controle e produção de subjetividade possuem uma certa conectividade, sendo as análises do capitalismo propostas em *Anti-Édipo* e *Mil Platôs*, uma chave para se entender o desenrolar de uma sociedade frente à outra.

Tais efeitos são diversos, mas para ser sucinta e objetiva, a análise se restringe ao tema das novas formas de educação, principalmente as que utilizam as tecnologias como suporte ou como plataformas, e também a discussão levantada por Deleuze, ao final de sua vida, sobre as *sociedades de controle*. Um dos pressupostos deste estudo é a de que tal sociedade só é possível mediante a existência da tecnologia, uma vez que não poderia haver controle, no sentido deleuziano, sem a mediação tecnológica (LAZZARATO, 2006).

Pergunta-se, ainda, se o uso de tais tecnologias na educação, especificamente a Internet, poderia exercer efeitos controladores tanto nos professores que as utilizam no seu dia a dia e no auxílio às suas aulas e aos cursos, quanto nos alunos que seriam submetidos a elas, sem terem a escolha de não aderir ao seu uso.

No presente estudo, os professores são considerados como subjetividades que são produzidas. Esta constatação não se refere somente à sua dimensão profissional, mas em toda a amplitude de suas existências. No entendimento de Deleuze e Guattari, bem como no de Foucault, todos somos subjetividades produzidas; porém, o que será ressaltado no decorrer deste texto é em como essa

¹Mais detalhes podem ser obtidos na obra de Maurizio Lazzarato. *Puissances de l'invention : La Psychologie économique de Gabriel Tarde contre l'économie politique*.

subjetividade específica, o professor, se insere na forma de operar da *sociedade de controle*, e como isso se relaciona com a educação à distância.

Para responder a essas perguntas, expõe-se o panorama da *sociedade de controle*, sua relação com a educação, e se o advento da internet pode agravar ou não esse quadro. Uma das apostas é de que a internet se diferencia das demais mídias de comunicação (principalmente a televisão), e seu uso pode servir como meio para se contrapor a esses efeitos, expondo exemplos em que isso já se efetuou.

Embora não seja o tema principal deste trabalho, uma pequena análise da organização dos sistemas televisivos é feita. Sua pertinência decorre da importância de se comparar a internet com a televisão, demonstrando que, por sua “natureza” rizomática², a Internet possibilitaria *linhas de fuga*, que são abordadas adiante neste texto, ao passo que, em mídias, como a televisão, isso não seria possível. Partindo-se dessa premissa, são expostos alguns exemplos de como isso já ocorre, em âmbitos que não o educativo, para cogitar a possibilidade de se incorporarem, de forma indutiva, tais práticas na resistência aos efeitos controladores que lhes são impostos.

A Internet como um rizoma, realça a estrutura arbórea da Televisão. Entende-se um rizoma como uma organização horizontal, multifacetada, onde não há uma derivação a partir de uma matriz unitária, ou seja, não há um início advindo de uma causa essencial, imutável, original, de onde tudo se deriva. Um rizoma se expressa pela multiplicidade. Em *Mil Platos*, Deleuze e Guattari apresentam este conceito ao qual foi desterritorializado da biologia e reterritorializada no pensamento filosófico. Este exemplo foi utilizado, inicialmente, para explicar como aquela obra tinha sido escrita. Diferenciou-se portanto de um “livro raiz” (DELEUZE; GUATTARI, 1995 p. 12).

Segundo esses autores, um livro raiz imita uma imagem de mundo, um *mundo-árvore*, um mundo que possui raiz, troncos, galhos, e depois de um longo percurso, colhem-se os frutos. Pensar um mundo como uma árvore, é pressupor que este possua uma raiz, uma unidade (Uno), a partir da qual se desenvolve um “dois”, uma distinção daquilo que seria uma essência original. Disso se derivaria a multiplicidade.

² O conceito de rizoma foi inicialmente utilizado em filosofia na obra *Mil Platôs*, de Deleuze e Gattari, em publicação de 1980. Eles adotaram o conceito advindo da botânica, que se contrapõe, segundo eles, ao conceito de árvore, associando esses dois paradigmas à maneira pela qual um livro possa ser produzido. Isso pode ter, também, um sentido epistemológico, que é desenvolvido nessa obra.

Deleuze e Guattari propõem uma filosofia da multiplicidade, portanto, não haveria esta passagem da unidade para a multiplicidade, uma vez que esta já se encontra como está. O que há é multiplicidade. Tudo tem a possibilidade de se iniciar de qualquer lugar, não há um início predeterminado. A multiplicidade é um rizoma (DELEUZE ; GUATTARI, 1995), um puro fluir. Não se pode determinar onde esta multiplicidade se inicia. Por ser um fluir, as subjetividades são multiplicidades, não são apenas uma coisa, a qual pode ser denominada sujeito. Embora se possa atribuir a estas multiplicidade um corpo, que as individualiza (em certo sentido), esse corpo não reduz esta subjetividade em termos de uma individualidade, um sujeito.

Igualmente a internet pode ser vista desta forma, pois não há uma linearidade da produção de conteúdo. Esta produção é múltipla, não se origina somente de uma estrutura enraizada como a televisão. Portanto, entender a Internet como um rizoma seria algo importante para se compreender seus caráter político frente às *sociedades de controle*.

Este texto, portanto, versa essencialmente sobre como as mudanças tecnológicas surgidas ao longo dos anos podem ser, dentro do contexto educativo, uma evidência dessa problemática, apresentando, ao final, como produto, um *site* que buscou, na própria tecnologia, objetos de aprendizagem que auxiliam o processo educativo

Este site, que pode ser consultado no link, o qual pode ser infonado pelo programa de mestrado profissional da Faculdade de Educação, e que possui uma descrição no decorrer do texto, faz parte do programa de mestrado profissional da Faculdade de Educação da UFMG. Esta modalidade de mestrado visa contribuir com profissionais que estão inseridos no processo de trabalho, especificamente como o educativo, e propor uma reflexão sobre problemas que se encontram no dia a dia destes profissionais. Nesta pesquisa em específico, o foco será na relação entre Educação à Distância (EaD) e *sociedadeS de controle*.

Analises sobre as sociedades de controle

A segunda metade do século XX marcou um processo de transformação no modo de vida das pessoas. Isso se deu pelo fato de a tecnologia, em especial a que se resultou do pensamento científico³, ter se desenvolvido intensamente neste período. Sabe-se, no entanto, que nesse século, não foi o início da influência da tecnologia no cotidiano das pessoas, o que já vinha ocorrendo desde o século XIX, com a Revolução Industrial. O que se constata é que, a partir de então, torna-se impressionante a frequência e a velocidade com que ela avança desde a Segunda Guerra Mundial até os dias atuais.

Ocorre que a tecnologia é vista, na maioria das vezes, como algo positivo, que somente auxilia o ser humano em seu cotidiano, ou seja, é algo que reduz o sofrimento deste, ao propor soluções para problemas. De fato, a tecnologia soluciona diversos problemas, ou facilita certos processos, mas também cria necessidades e transtornos que outrora não existiam.

Um relato que talvez possa bem ilustrar essa velocidade da tecnologia na vida das pessoas, é a relação com o celular. Hoje em dia, verifica-se a real impossibilidade, para uma parcela da população mundial, de se ficar meia hora que seja sem olhar o celular e se inteirar do que está acontecendo nas últimas horas, tanto nas notícias veiculadas pela internet, quanto nos aplicativos e nas redes sociais. A pessoa corre o risco de se ver desatualizada das informações que são imprescindíveis para a realização de suas atividades cotidianas, como questões de trabalho, por exemplo. Isso era impensável há 10 anos, ou menos. Se por um lado, o desenvolvimento de um *software* que reproduz mensagens instantâneas via internet para celulares foi uma criação que facilitou a interação entre as pessoas, as trocas de informações rápidas agilizando procedimentos que necessitariam de horas para que se solucionassem, por outro, cria um ritmo frenético de aquisição de signos que saturam o aparato cognitivo das subjetividades, surgindo, daí, uma sensação de *hipersensibilidade* (STEIN, 2008). A tecnologia, neste sentido, traz à tona os sintomas de uma sociedade que já se vê em uma transformação profunda, na possível emergência da *sociedade de controle*.

Neste contexto, acredita-se que seja pertinente se retomarem as ideias de Gilles Deleuze, segundo as quais, as instituições disciplinares problematizadas por Foucault, na década de sessenta e setenta do

3 O que Habermas (1990) entende como a tecnologia que se desenvolveu a partir da razão instrumental

século XX, estão passando por um processo de mudança. Em *Post scriptum para as sociedades de controle*, Deleuze mostra indícios da passagem das chamadas sociedades disciplinares, tese posta por Foucault, para uma *sociedade de controle* (DELEUZE, 2013).

O que caracterizava as sociedades disciplinares era a utilização de técnicas disciplinares, e, posteriormente, Foucault chamou a atenção para uma análise que considerava nova, a *biopolítica*, uma nova relação do poder com o indivíduo.

As disciplinas consistem, dentre várias especificidades abordadas por Foucault, em técnicas que agem sobre os corpos, “deixando-os dóceis”. Dentre elas, podem-se explicitar os confinamentos (família, escola, quartel, fábrica, etc.), que visam agrupar em espaços determinados, e bem definidos, os corpos dos indivíduos. Ou como na leitura de Deleuze, os corpos das multiplicidades. Está implícito, nesse caso também, a ordenação no tempo. Já o *biopoder* se dirige a uma multiplicidade em geral, ou seja, uma massa global. (LAZZARATO, 2006). Para Foucault, as disciplinas seguem a máxima do *fazer viver e deixar morrer*. Pode-se afirmar que sua função é normatizar. Primeiramente ele analisa, decompõe os indivíduos, os lugares, o tempo, os gestos, os atos, as operações. A decomposição visa perceber a subjetividade que está inserida em uma massa. Primeiro se decompõe, percebe-se, depois há a modificação desta subjetividade. A decomposição estabelece elementos mínimos de percepção e suficientes para a modificação.

A normatização disciplinar, em segundo lugar, classifica os elementos que foram identificados pela decomposição, visando objetivos determinados, escolhe os melhores gestos para se obter os melhores resultados, os melhores operários para cada função, e distribui as crianças escolarizadas em hierarquias. Em terceiro lugar, se estabelece sequências ótimas, coordenações ótimas e, finalmente a normalização disciplinar estabelece procedimentos de adestramento progressivo e de controle permanente. Estes procedimentos selecionam os que são aptos e os que não estão aptos para realizar certas ações. Na verdade o que se estabelece são aqueles que são normais e os anormais.

Um elemento importante decorrente da ideia acima é a relação direta entre sociedade disciplinar e os confinamentos, ou seja, a escola, a caserna, a fábrica o hospício, aos quais possuem funcionamentos analógico, e, finalmente, por excelência, a prisão, estariam em crise.

Com o intuito de responder a essas questões, sobre as *sociedades de controle* e a Internet, busca-se abordar, ainda que superficialmente, os questionamentos levantados por Gilles Deleuze sobre as

sociedades que ele caracterizou como *sociedades de controle*, visando encontrar respostas, especificamente ao que se refere à educação, uma vez que ela apresenta elementos por ele identificados, além de tentar apontar meios para que os educadores não fiquem sem alternativas para lidar com instrumentos moduladores e controladores. Nestes sentido, há uma apropriação da obra deste autor, contextualizando-a e buscando entender os novos fenômenos educativos da atualidade através deste viés. Como ele mesmo aconselha, não basta ficar olhando o desenrolar dos mecanismos, mas sim, encontrar alternativas, bem como identificar obras que se dedicam ao estudo da internet, e que possam, de forma indutiva, servir de exemplo, e de subsídios nas discussões acerca de sua aplicação à educação (DELEUZE, 2013).

Pode-se apontar como um meio para se contrapor aos efeitos controladores que as tecnologias possam vir a proporcionar, o exemplo obtido nas redes sociais digitais, em relação à forma de obtenção e emissão de informação, fator imprescindível para impedir a coerção imposta pelos governos naquilo que se denominou *Primavera Árabe e*, anos depois, nas manifestações em 2013 no Brasil e a nova forma de organização política advinda dessa prática.

A Primavera Árabe foi um destes movimentos aos quais as mídias digitais tiveram um papel importante no desenrolar dos acontecimentos (CASTELLS. 2013). Sem entrar no mérito da qualidade, veracidade e intenção ao qual estas mobilizações se inserem, uma vez que após sete anos da eclosão daquelas manifestações, verifica-se quadros políticos preocupantes, como guerra civil e ditaduras militares, a pesquisa buscou demonstrar que a internet pode ser usada politicamente. Para tanto, é necessária uma mudança de paradigma no processo de produção e obtenção de informação. Estas informações, não são mais exclusividade de grandes corporações do ramo comunicacional, monopólios da mídia, mas pelo contrário, estão cada vez mais se descentralizando e sendo produzidas através de grupos menores que se opõe ao discurso vinculado na mídia tradicional. O que pode ser constatado em se tratando de Primavera árabe é que mídias vinculadas através da Internet, como Twitter, foram decisivas para que houvesse aquelas manifestações, tanto servindo como meio para se convocá-las, quanto produzindo outras formas de se interpretarem os acontecimentos.

O surgimento dos novos mecanismos de controle.

Segundo Deleuze, o próprio Foucault sabia que aquilo que chamou de sociedades disciplinares estava com seus dias contados. (DELEUZE, 2013). Ele sabia que as *sociedades disciplinares* teriam sucedido às chamadas *sociedades de soberania* e que, não tardaria muito, elas próprias seriam sucedidas por uma outra forma de sociedade.

Se, para Deleuze nas *sociedades disciplinares* os *confinamentos* são considerados como moldes, nas *sociedades de controle* encontram-se as *modulações*, “autodeformante”, uma mudança contínua, um sentimento de metaestabilidade.

O que Deleuze afirma ainda é que toda a sociedade está nesse processo de mudança, e que a educação, que era também um instrumento disciplinador, se encontra em crise, apresentando elementos que se aproximam dessa *sociedade de controle*.

As sociedades disciplinares possuem seus elementos bem delimitados. Um deles é que tudo se dava de forma mais linear. Dessa maneira, uma vez que o indivíduo tenha terminado o período de permanência na escola, ele iria para uma outra etapa do processo disciplinar. Se fosse homem, seu destino provavelmente seria as forças armadas. Ou seja, de uma prisão à outra.

Já nas *sociedades de controle*, o que se observa são os processos de *modulação*, termo que o próprio Deleuze usa para se referir a isso, que nada mais são do que modalidades de exercício do poder. Dentre seus diversos tipos, pode se destacar o fim de períodos bem delimitados para o começo e o fim de determina etapa. Há sempre um retorno: “passamos da escola à empresa, e da empresa retornaremos a escola” (LAZZARATO, 2006, p. 75).

Nos meios educacionais, pode-se observar que este tipo de modulação tem sido cada vez mais evidente. A modelagem, mais característica das sociedades disciplinares, é mais fácil de ser percebida, uma vez que formata a subjetividade. Porém há possibilidade de uma fuga, pode-se escapar fisicamente quando se encontram brechas. Já a modulação tende a controlar os fluxos, é algo mais sutil. Através disso, tem-se uma falsa sensação de liberdade, pois pode-se entender que a escolha de um certo tipo de tênis, ou qual lanchonete que se compra um hambúrguês, é um ato advindo de uma escolha deliberada. Outro ponto que pode ser mencionado sobre o processo de

modulação, e que envolve a tecnologia, são os processos panópticos que vigiam de forma ampla e contínua (não mais como nas sociedades disciplinares em que o processo de vigia era destinado a um grupo específico de pessoas, como em um fábrica), utilizando-se nos novas produções tecnológicas como celular. Através deste pequeno dispositivo, pode-se controlar a subjetividade em loco, utilizando-se a tecnologia do sistema de posicionamento global (GPS), mas também fomenta à própria subjetividade expor sua privacidade, superlativizando o problema do panóptico encontrado em Foucault (2012) .

A educação, obviamente, não foi um elemento à parte destas transformações. Pode-se perceber, também, a influência da tecnologia neste processo. Como tudo relacionado a tecnologias, o uso da internet para a educação é cada vez mais presente no cotidiano das pessoas e na sua formação. A partir da década de 90 do século XX, impressões utilizando impressoras portáteis se multiplicaram. Projetores que antes utilizavam a tecnologia analógica (luz e transparências) foram substituídos por projetores digitais e, por fim, a utilização da própria Internet, nos processo educativos.

A partir da primeira década do século XXI, verifica-se o aumento da oferta de cursos voltados para estudos específicos em tecnologias, dentre eles, os que foram criados na modalidade conhecida como Educação a Distância (EaD).

O fator que mais chama a atenção é exatamente por ser a distância. Segundo Lazzarato (2006), as novas relações nesse tipo de sociedade se expressariam pela ação a distância, de uma mente sobre a outra. Com isso, é possível afetar e ser afetado, através da mediação (de forma mediatizada) da tecnologia, ou seja, do emprego dessas tecnologias de ação a distância. O que se constata é que, cada vez mais, o uso das tecnologias de informação e comunicação (TICs) está presente nos processos educacionais. (ALMEIDA, 2002)

Dentre os fatores para os quais Deleuze chama a atenção, um deles seria o fato de que os lugares fechados iriam ser substituídos, não há mais a necessidade de confinamento. Na escola tradicional, a qual se associa nesta pesquisa às sociedades disciplinares, o confinamento é um elemento fundamental na estrutura disciplinar desta instituição. Todos os alunos se encontram em uma edificação, com inúmeras salas, cada uma com um número, ou uma letra que a identifica perante as demais, nelas podem ser encontrados os corpos dos alunos, que por sua vez foram numerados, e

classificados. Estes ficam confinados por um determinado período de tempo, e soltos após aquilo que se pretendeu fazer tiver sido finalizado.

Na EaD, por outro lado, a não obrigatoriedade de se utilizar o confinamento se efetua, pois não há mais a necessidade⁴ de salas de aula. Os cursos são oferecidos através da internet, e as “turmas” são espaços dentro de ambientes virtuais de aprendizagem (AVA), como MOODLE, onde os alunos encontram o conteúdo relacionado ao tema ao qual o curso se destina, bem como as situações de aprendizagem (as atividades) que os professores propõem aos alunos. A relação com o tempo também é transformada, e aquilo que se configurava como bem organizado no tempo, ou seja, o início e o fim bem determinados (como ocorria nas sociedades disciplinares) deu lugar ao que se chama de formação continuada (*formação permanente*)

Quando se afirma que há um aumento das Tecnologias da Informação na educação, assim como citado acima, não significa apenas o uso de aparelhos eletrônicos como ferramentas, mas também uma crescente utilização das mídias, ou seja, meios de comunicação, como por exemplo, a internet.

Para que se possa associar *sociedade de controle* e as novas modalidades de educação, como a EaD, primeiro é preciso delimitar o que vem a ser este conceito trabalhado por Deleuze, para, posteriormente, associá-lo a tais modalidades, explicitando suas relações. Para isso, busca-se a ajuda de Maurizio Lazzarato em sua obra *As revoluções do capitalismo*.

Para Lazzarato (2006) há uma relação íntima entre *sociedade de controle* e capitalismo. Porém, essa interpretação não pode ser aquela que se ancora somente na “explicação” da passagem de um tipo de sociedade, a sociedade disciplinar, para um outro tipo, a *sociedade de controle*. Para ele, há uma inovação teórica por parte de Deleuze sobre as mudanças do capitalismo, e é através desta nova forma de se interpretar o capitalismo que haveria um “método” para se analisar a *sociedade de controle*.

Não seria uma explicação fenomenológica, ou seja, a forma descritiva dos eventos que caracterizaram estas mudanças, mas sim um olhar sobre o método pelo qual Deleuze se utilizou para analisar, de forma alternativa, as “evoluções” do capitalismo. Em resumo, a análise sobre a

4 Entende-se o Termo ‘necessário’ enquanto o oposto de ‘contingente’. Neste sentido se observe que não há mais a obrigatoriedade de uma sala de aula dentro no processo de ensino e aprendizagem. Atualmente encontra-se presente a modalidade híbrida, onde há a mescla em encontros presenciais, utilizando-se de um ambiente físico dos polos, e encontros virtuais, sendo estes através da Internet.

passagem da sociedade disciplinar à sociedade de controle não pode ser deduzida somente sob o prisma das transformações do capitalismo, mas sim através do conceito de multiplicidades, ao qual Deleuze analisou as subjetividades.

Se as antigas análises do capitalismo se ativeram às alterações polarizadas, isto é, uma classe que se impõe sobre outra, bipolar e antagonica, as novas interpretações propostas por Deleuze e Guatarri valeram da noção de multiplicidade, assim como Gabriel Tarde, segundo Lazzarato, teria sugerido (LAZZARATO, 2006).

Qual seria o problema de se pensar de forma bipolarizada as tensões do capitalismo? E qual seria a vantagem de se pensar em termos de multiplicidade, podendo ser esta, um ganho em nível de entendimento desta passagem da sociedade, de disciplinar para a sociedade de controle?

Quando se analisa este tema sobre as consequências que o capitalismo produz através de seu desenvolvimento, sob o viés clássico, é possível se pensar que há uma causa externa, bem delimitada, específica, atuando nesta mudança, como a noção de capital em Marx, por exemplo. As classes seriam também bem delimitadas, possuíam um interesse em comum, agindo de forma unilateral. Lazzarato argumenta que ir por este caminho não nos permitiria observar as inúmeras causas dos fatores que promovem as mudanças nas sociedades, dos diversos desejos envolvidos neste processo e das várias multiplicidades de subjetividades que operam esta mudança. Deleuze reconhece que Marx analisou o capitalismo em sua imanência, e que esta não para de se expandir seus próprios limites, porém, em *Mil Platôs* ele amplia esta interpretação propondo que, em sua concepção, uma sociedade se defina menos por suas contradições, que por suas *linhas de fuga*. Nestes sentido, não haveria importância nas tensões produzidas, mas sim nas possibilidades que pudessem ser criadas a partir destas tensões. Portanto, acompanhar estas linhas de fuga, os momentos aos quais elas se delineiam seria importante. Outro fator inovador é dar créditos à noção de minoria, ao invés de classe. (Deleuze, 2013)

Foucault (2012a) já teria feito algo semelhante, ao propor uma microfísica do poder, em relação à uma noção de poder universal que se impõe de forma verticalizada. Ao trazer para a imanência os dispositivos disciplinares, ele elucidou que há mais nas relações de poder do que uma força única atuando sobre as individualidades. Há vários fatores em jogo, várias lutas.

Deleuze (2010) observou bem este posicionamento de Foucault, afirmando que não seriam as subjetividades que atuariam nestes dispositivos, fazendo-os funcionar, mas exatamente o contrário. Entender o capitalismo através da chave da multiplicidade levaria a um conhecimento que ao mudarmos nossa chave de leitura sobre o capitalismo, conseguiríamos captar facetas que outras chaves não proporcionariam. O que Lazzarato argumenta é que se não mudarmos nossa chave de leitura do capitalismo não conseguiríamos entender como se dá a passagem de uma sociedade considerada disciplinar, para uma outra considerada de controle.

Ao entendermos a lógica por detrás da sociedade disciplinar, assim como Foucault expôs, a forma como certos dispositivos conseguem nos impor certas condições, seríamos capazes de perceber a sutileza do funcionamento de uma *sociedade de controle*.

Isso não significa que o escopo de análise da *sociedade de controle* deve ser feito utilizando-se as ferramentas propostas por Foucault. Teríamos um problema ao fazer isso de forma descuidada. O que Deleuze (2013) fez em “*Post Scriptum*” é nos indicar o caminho por onde o problema se instaurou, ou seja, as análises feitas por Foucault no limiar da sociedade disciplinar. Porém, ele sabia que transpor uma forma de análise foucaultiana, nua e crua, bruta, para um campo de análise das *sociedades de controle*, não seria muito frutífero. (LAZZARATO, 2006).

Também necessitamos de mudar a chave de análise, da mesma forma que, para compreendermos as especificidades do capitalismo, teríamos que analisar as multiplicidades, aqui, em relação a Foucault, que se apresenta da mesma forma. Não porque Foucault analisa a sociedade disciplinar de forma polarizada e unitária, mas porque ele analisa uma forma de organização que se apresentou com sua própria especificidade.

Uma das poucas afirmações de Deleuze sobre o que seria a *sociedade de controle*, é que esta apresentaria uma “crise dos dispositivos disciplinares”. É por isso que se torna difícil analisar esta sociedade apenas olhando para as análises feitas por Foucault onde tais dispositivos prevaleciam. Propomos mudar a chave de leitura e analisar a “nova” sociedade através da análise da multiplicidade, assim com o próprio Deleuze fez em conjunto com Guattari. Uma análise da *sociedade de controle* que possua uma visão diferente do capitalismo, como encontramos no *Mil Platôs*, ou até mesmo, no *Anti-Edipo*.

Deleuze inicia o texto *Post scriptum sobre as sociedades de controle* abordando este ponto. Explica que Foucault tinha situado a sociedade disciplinar nos séculos XVIII e XIX, e estas teriam atingido seu apogeu no início do século XX. Ressalta claramente o que caracteriza este tipo de sociedade que são os meios de confinamento. A passagem de um meio de confinamento para o outro é constante na sociedade disciplinar, passa-se da família para a escola, da escola para o exercito, do exercido para a fábrica. Nesse modelo, as técnicas disciplinares são frequentes: concentrar, distribuir no espaço, ordenar no tempo, mas também ressalta que o propósito da *sociedade de controle* é bastante diferente. Nela, o indivíduo nunca para de passar de um confinamento para outro e, às vezes, retorna para algum que por ventura, já havia deixado para trás, pode-se retornar a escola inúmeras vezes

Estes aspectos não são a “causa” da “nova” sociedade, mas seus sintomas. Ocorre desta forma porque há uma “crise generalizada de todos os meios de confinamento, prisão, hospital, fábrica, escola família.” (DELEUZE, 2013 p. 224). Com há uma crise destes confinamentos, sempre há a proposta da reforma.

Reforma aqui, não necessariamente se trata de algo re-formado. Algo colocado em uma outra forma, mas sim algo posto em movimento, algo fluido. Reformar a escola é colocá-la em outra perspectiva. Porém, aquilo que lhe era próprio não se apresenta mais com tanta rigidez. Não há mais a necessidade de organização no espaço: salas de aula; de ordenar no tempo: dividir as aulas em horários específicos, emitir um ruído sonoro quando este tempo acabou, e outros, embora ainda subsistam.

Hoje, com a internet, vemos que há “escola sem prédio”, sem salas de aula, sem tempo fixo, escolas com câmeras nos corredores. Esse poderia ser um exemplo da *sociedade de controle* se atualizando no ambiente escolar.

Multiplicidade e produção de subjetividade

Pode-se citar dois elementos destacados por Lazzarato que poderiam classificar o que seria a *sociedade de controle*, a crise do confinamento e o gerenciamento da multiplicidade. Não seria um espanto que Deleuze não se utilizaria das concepções clássicas de investigação para afirmar o que entende sobre uma sociedade, as análises que se utilizam de noções universais. Não buscaria uma

definição à moda antiga, substancial, sobre qualquer dimensão da humanidade, da mesma forma que Foucault não o fez quando se perguntava sobre o poder, ou seja, não procura uma definição sobre a subjetividade, não atribui a ela uma natureza que deva ser descoberta ou encontrada. Não se trata de buscar o “que”, mas sim entender as relações que estão implícitas nesta trama.

Da mesma forma, não se pretende uma afirmação categórica sobre o que é a *sociedade de controle*. O que se pretende é relacionar elementos expostos por pensadores com fenômenos da nossa contemporaneidade, e nada mais contemporâneo do que a problematização do espaço público e das novas formas de se perguntar sobre nossos agenciamentos coletivos de enunciação⁵

A maior dificuldade que se tem ao tentar definir o que seja a *sociedade de controle* é sua fluidez. A fluidez que Deleuze e Guattari apontam é, exatamente, o elemento pelo qual se pode afirmar um *agenciamento coletivo de enunciação*. Um agenciamento coletivo, se diferencia de uma enunciação individuada, na medida em que uma enunciação individuada se associa a questões consideradas pertencentes a uma única pessoa, uma enunciação coletiva leva em conta que há uma construção coletiva da subjetividade, não havendo, portanto, uma separação do coletivo. Tanto Deleuze, quanto Guattari, problematizam a noção de individualidade (o indivíduo), pois consideram que não se pode analisar uma subjetividade apartada de sua coletividade. Há uma espécie de fusão com o coletivo (DELEUZE; GUATTARI,). Neste sentido, a fluidez seria este um elemento que impede de se afirmar uma individualidade, um sujeito de enunciação, pois esta subjetividade estaria em completa impermanência.

A instabilidade faz parte dela em sua imanência, ou seja, não é algo transcendente, algo que não está no mundo. O que se constata é que tudo muda o tempo todo. Não é somente uma transformação natural, espontânea. Há também uma produção, um agenciamento. Sendo assim, as subjetividades são produzidas através dos processos de subjetivação, de semiotização (uma produção através de signos, de imagens) e por sistemas maquínicos: econômicos, sociais, tecnológicos, sistemas ecológicos. Além disso, por grande parte das mídias que atuam nos sistemas de percepção, sensibilidade, afeto, desejo e imagens.

A *sociedade de controle* é o gerenciamento das multiplicidades. Dessa forma, como a sociedade disciplinar se focava nos corpos, que segundo Guattari são individuações, não lançava suas técnicas

⁵Tanto Deleuze, quanto Gattari (1976), preferem falar em agenciamento coletivo de enunciação: “Ao invés de sujeito, de sujeito de enunciação ou das instâncias psíquicas de Freud, prefiro falar em agenciamento coletivo de enunciação. O agenciamento coletivo não corresponde nem a uma entidade individuada, nem a uma entidade social predetermina.”

sob as multiplicidades, que estão além do corpo, mas sim nos agenciamentos de subjetivação (GUATTARI, 1980). Não há mais a necessidade do gerenciamento do corpo, assim como nas sociedades disciplinares (embora isso ainda aconteça), pois toda esta indústria (a sociedade de controle) é voltada para a natureza fluida de todas as subjetividades. Ela aprendeu como se avança sob tais multiplicidades de forma muito mais estratégica do que a biopolítica que Foucault analisou em 1979.

Um dos pontos mais importantes para entendermos a passagem de uma sociedade à outra é que enquanto o corpo é um só, elemento principal das sociedades disciplinares (a qual já foi definida neste texto), as multiplicidades são várias. Dentro de um corpo há várias multiplicidades. Não de forma essencial, um *être-là*, como explica Guattari, algo que seria nossa natureza humana, mas de forma maquínica (produzida), fabricada, modelada, e por quê não, consumida.

Um confinamento não conseguiria agir sobre uma multiplicidade, pois não há como prendê-la, fisicamente. Tem que haver outros dispositivos, mais fluidos, mais silenciosos, mais invisíveis. A amplitude de atuação de um confinamento está restrito à dimensão física de uma pessoa, ao passo que os dispositivos da *sociedade de controle* atuam em uma dimensão não física, que, por questões de linguagem, neste estudo opta-se utilizar-se o termo ‘mente’. É nesse sentido que Guattari aproxima estes dispositivos a uma dimensão semiotizante da subjetivação.

Produção das máquinas desejantes

Ao pensar o ser humano, juntamente com sua dimensão desejante, não se pode separá-lo de seu aspecto fluído. Fluxos, isto é que há de mais elementar na realidade. Um eterno devir, ao que não para de se transformar. Um “panta rei” (*πάντα ῥεῖ*). É temeroso até mesmo afirmar o que venha a ser tais fluxos e, por isso, fica difícil atribuir qualquer característica ou tentar defini-los. Pode-se dizer que o fluxo é, que ele existe.

A conceituação é arbitrária, nós é que a impomos. Mas, em nível fluído, o que há é somente “isto”. O fluído é constante e não para, somente é interrompido. É semelhante a uma máquina, não como alegoria, mas como uma produção.

Um tipo de máquina produz, a outra interrompe. É isto que nós somos, máquinas desejantes, produzimos fluídos e os interrompemos.

É assim que acontece na natureza, ao mesmo tempo que tudo se desloca, cresce, amplia, solta, temos uma força contrária que limita, corta, que prende. Não há separação. O que limita também é a natureza. Isto é o processo de criação, de produção. A diferença (neste sentido) somos nós que damos. Nós diferenciamos homem e natureza.

De fato, o Édipo psicológico é uma criador (também criação), pois reprime. A máquina desejante é drasticamente contida. Talvez a grande pergunta que deva ser feita é : “ o que se há de colocar no triângulo edipiano, com o que formá-lo?” (DELEUZE E GUATTARI, 2010 p. 13)

Quais são as nossas opções? Não somente em termos teóricos, enquadramentos conceituais que explicariam um certo fenômeno individual, mas algo que, de fato, possa ser inserido no lugar dessa “estrutura” ao qual serviria de base para subjetividade. Se há a possibilidade da inserção de algo no lugar de outra coisa, isto nos leva a concluir que não há uma subjetividade essencial, metafísica, imóvel, que responderia por SER HUMANO.

O que o AntiÉdipo nos mostra é que a produção de subjetividade não é somente um processo de disciplinação, onde as individualidades são domesticadas, assumindo assim um formato dócil e flexível. A produção é imanente ao processo. Se não fosse dessa forma, teríamos que explicar : Quem criou o fluxo? Essa resposta não pode ser respondida. Da mesma forma pode-se considerar que, antes mesmo de as individualidades serem disciplinadas, ela já teriam sido produzidas.

Os confinamentos são dispositivos posteriores, cumprem seu papel. Mas ao se deparar com tais dispositivos, as subjetividades já teriam seus fluxos contidos. O que vai acontecer no confinamento é que a repressão fica ainda mais brutal. Na escola a criança contem seu desejo de sair correndo.

No exército, o homem contém sua vontade de ficar em uma postura descontraída. Na fábrica, ele é obrigado a conter suas necessidades fisiológicas, até ser concedida a permissão para ir ao banheiro e, finalmente, no manicômio aqueles que reprimiram de forma intensa seus fluxos, são assujeitados e submetidos condições extremas.

A produção de fluxos não se dá no início de um processo e, a partir daí, advém sua repressão e, conseqüentemente a criação de uma subjetividade específica. E é por isso que se diz “máquina de

produção de fluxos” (Idem p. 16). Uma máquina cria um fluxo e uma outra o interrompe. Essa produção é a produção de produção.

Dimensões semióticas da subjetivação

As mudanças que ocorreram na década de 1960 e 1970 foram importantes para definir o pano de fundo do debate sobre a criação da subjetividade. Os meios de informação de massa se desenvolveram no decorrer do século XX, mas foi nestas décadas que seu impacto atingiu seu ápice tendo reverberado até o fim da década de 1990. O jornal impresso e o rádio foram os precursores deste tipo de fenômeno midiático, mas foi a televisão que propagou com mais ênfase seu caráter simbólico e subjetivador.

A relevância do impacto que as mídias de massa exerceram (e ainda podem exercer) é tal que Guattari analisou cuidadosamente seus efeitos na produção das subjetividades. Segundo ele, elas podem ser produzidas tanto por instâncias individuais quanto coletivas, e até mesmo instâncias institucionais. Ele reconhece que o desenvolvimento da tecnologia proporcionou análises desta produção que não recorriam mais à sistemas tradicionais de determinação do tipo infraestrutura material, ou super estrutura ideológica. Surgiam novos meios de determinação de individualidades.

A inovação deste novos meios é a existência de diferentes registros semióticos que concorrem para o engendramento da subjetividade e elas não mantém relação hierárquica obrigatórios. (GUATTARI. 1992)⁶ Isso significa que não podemos supor que quando Guattari considera que há camadas subjetivas dentro do processo de determinação de subjetividades, ou em sua criação, que elas por sua vez, são fixas e inseridas dentro um sistema causal.

Aos invés de serem hierarquizadas, de cima para baixo, ela são dispostas horizontalmente e subsistindo paralelamente. Possuem dimensões bem determinadas, podendo se comunicar umas com as outras e influenciando-se mutuamente de forma que “ concorrem para o engendramento da

6 GUATTARI, Felix. Caosmose: Um novo paradigma estético. Tradução Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Ed. 34, Rio de Janeiro. 1992

subjetividade e não mantém relação hierárquicas obrigatórias. Para que seja eficiente, porém, a análise da subjetividade sob esse ângulo possui alguns obstáculos que Guattari considera como problemas que podem atrapalhar sua definição. Com o intuito de ultrapassar a oposição clássica entre sujeito individual e sociedade, seria necessário rever os modelos de inconsciente postos pela psicanálise tradicional até aquele momento, inclusive a vertente estruturalista, que, por mais que Guattari considere que tal vertente possua elementos que encontram referência na análise da subjetividade, não deixa de ignorar algumas outras dimensões subjetivas.

Ele constata que fatores subjetivos foram assumidos pelas mídias de massa ao ponto de produzirem nas pessoas, de várias partes do mundo, formas de pensar próprias de alguns países. Verificava-se que havias cargas afetivas contagiadas - por consequência contagiosas - que ultrapassavam as simples reivindicações ideológicas. Elas traziam concepções das relações sociais a partir das imagens vinculadas pelo ocidente. Um exemplo disso foi a Guerra do Golfo⁷ que tinha o objetivo de domesticar a opinião árabe e de retomar as rédeas da opinião mundial. Guattari afirma que o “modo de ver” americano, ou a forma de subjetivação “yankee” podia ser imposta pela potência da mídia combinada à das armas.

Para que possamos ter clareza ao se debruçar sobre este problema, temos que considerar que as tradições culturais que são arraigadas em nossa sociedade, sendo elas: querelas linguísticas; reivindicação autonomistas; questões nacionalistas, bem como as ciências que as estudam de forma clássicas, como a sociologia as ciências econômicas as ciências políticas e as teorias jurídicas, seriam insuficientemente armadas para darem conta de uma tal mistura de apego enraizado às tradições culturais, e terem abertura para uma análise que se debruça sobre uma dimensão da subjetividade que ora não era analisada tradicionalmente sob seus aspectos. Dentre elas temos a inclinação que os indivíduos modernos possuem diante das novas tecnologias, que podem ser consideradas um elemento novo e constituinte da subjetividade contemporânea. Não podemos mais deixar de considerar que, não somente a tecnologia em si, mas todo o conteúdo que é transmitido⁸

⁷ A primeira Guerra do Golfo. O livro foi escrito em 1992.

⁸ Transmitido aqui não tem apenas a conotação daquilo que é apresentado através da televisão e do rádio, mas todos o conteúdo que tem como meio modos de transmissão eletrônico-digital.

pelos meios de transmissão de massa, não podem ser ignorados quando houver uma análise sobre as dimensões da subjetividade humana e sua produção.

Guattari as denomina “máquinas tecnológicas de informação e de comunicação” e constata que operam no núcleo da subjetividade humana. Elas atuam em instâncias “anteriores”, pré-estruturais, no nível das nossas memórias, das nossas sensibilidades, dos afetos e dos “nossos fantasmas inconscientes”. Essa dimensão maquínica da subjetividade traz em sua “heterogênese” componentes que concorreram para a subjetivação. Estes elementos fazem com que Guattari insista que há uma necessidade de redefinição os métodos de análise da subjetividade e que os nas análises levem em consideração esta “nova” faceta da subjetividade humana.

Não se pode negar as dimensões semiológicas significantes que se manifestam através da família, da educação, do meio ambiente, da relação com a arte e com o esporte, os elementos fabricados pela indústria das mídias (TV, Cinema, Etc) e também, as dimensões semióticas a-significantes. A revolução tecnológica trouxe consigo todo um jogo maquínico informacional de signos, que funcionam paralelamente, ou de forma independente, pelo fato de produzirem e vincularem significações e denotações que escapam a uma estrutura linguística. Ou como diz Guattari: “escapam às axiomáticas propriamente linguísticas”

Não se pode negar que as dimensões semióticas significantes tiveram seu espaço no decorrer do século XX, tanto no âmbito da antropologia, da psicanálise, da filosofia - especificamente no que se convencionou chamar de virada linguística - e no próprio meio das letras em geral, seu terreno próprio, no seio das teorias linguísticas clássicas. O estruturalismo se preocupou com a linguística significacional da língua. Até podemos dizer que houve uma certa primazia deste tipo de semiologia em detrimento do que Guattari chama de semiologia a-significante, que ultrapassa os segmentos narrativos. Para ele houve um erro ao atribuir somente sobre a semiologia significativa linguística um papel na constituição da psique humana⁹.

As transformações tecnológicas nos obrigaram a considerar de forma simultânea a tendência à “homogeneização universalizante” e reducionista da subjetividade, e uma tendência heterogênica

9 ser referindo ao estruturalismo

da singularização de seus componentes.¹⁰ Isso se dá pois o domínio das tecnologias não é algo fluído e disseminado. Está posto por poucos, em poucos países. A tecnologia não é propriedade pública. Quem coloca a tecnologia, coloca também seus parâmetro de produção heterogênicos.

Não se trata de “demonizar” a tecnologia. É claro que houve pontos positivos, mas o que Guattari elucida é que os efeitos semióticos da tecnologia, principalmente os a-significantes, são cada vez maiores, proporcionando uma embrutecedora mídiatização em massa. Hoje em dia todos somos alvo destes dispositivos que quase que de forma absoluta, determina nosso modo de se relacionar socialmente.

Pesquisas sobre a formação do aparato cognitivo das crianças mostraram no decorrer dos anos, que existem instâncias que podem ser classificadas como pré-verbais. E o mais importante é que tais pesquisas distanciam-se das posições psicanalíticas que afirmavam que haviam fases de desenvolvimento humano. Estas fases eram sequencias e condicionadas entre si, como o “complexo de Édipo”, o “narcisismo” a “castração” etc. O que se pode verificar com as pesquisas citadas acima e que não há um encadeamento de fenômenos pré-definidos e universais em que cada indivíduo passará, mas sim níveis de subjetivação, que se manterão paralelos ao longo da vida. Estas informações são muito importantes para uma análise sociopolítica que visa expor como o controle pode ser imposto às individualidades.

Essa perspectiva valorizaria o caráter trans subjetivo das subjetividades, desde o início, ou seja, das experiências precoces da criança. Em estágios muito rudimentares da concepção humana, há etapas onde não há um sentimento de separação entre si e o outro, que Guattari explica como sendo “uma dialética entre os “afetos partilháveis” e os “afetos não partilháveis” da estrutura” Tais estados nós continuamos acessando-os continuamente, o tempo todo. Não foi algo que já passou e que foi um estágio da nossa existência. Existe concomitantemente à nossa vida atual, nosso “estágio” atual. Podemos nos deparar com ele de forma aleatória, como nos sonhos, no delírio, no uso de psicodélicos, no êxtase, na inspiração, na criação, nos sentimentos.

10 Homogeneização Universalizante seria uma tendência de tomar, sob a perspectiva da produção das subjetividades de um referencial apenas, ao passo que seria heterogênicamente, pois tal produção homogeneizada seria produzida por um “outro”, seria imposta, e não apenas produto do que Guattari denominará como *autopoiese*.

Esta estância racional, “consciente” que nós nos encontramos na maioria das vezes, não é a única instância da nossa subjetividade e talvez nem a mais importante para a tomada de decisões, uma vez que há determinações de ordem a-significativas nas nossas relações e posições sociais, as quais pouco sabemos e controlamos.

Nestas instâncias da subjetividade um discurso racional não será tão persuasivo quanto um obra de arte, por exemplo. Pode-se afirmar que a dimensão a-significativa é mais estética do que outra coisa. Um símbolo é mais marcante para esta dimensão do que um discurso. Não se pode negar é claro, que há algum elemento estrutural verbalizante nestas dimensões. É aí onde se instala os mitos e frase aleatórias conectadas entre si, com baixíssima estruturação formal, ao qual até podemos chamar de discurso, mas sem nenhum compromisso com adequação a fatos quaisquer, informações criadas de forma a persuadir os indivíduos.

A subjetividade também é criada através de discurso alegóricos, símbolos, e toda a ordem de imagens que se possa produzir. Ela não é apenas fabricada através das fases psicogenéticas, ou dos “materias do inconsciente”, mas também sob a égide da das grandes máquinas sociais, as mídias de massa e estruturações linguísticas.

Para haver um bom diagnóstico do processo de criação e desenvolvimento das subjetividades deve ocorrer um equilíbrio entre o estruturalismo e as ciências humanas de paradigma científicos e de paradigmas ético estético.

O que se pode deduzir das análises como a de Guattari é que embora ainda possa existir algum nível de subjetivação que tenha como foco a disciplinarização dos corpos, a produção de subjetividade está cada vez mais se utilizando de novas técnicas, não somente para aperfeiçoar estratégias antigas, como o casa da vigilância que se beneficiou da tecnologia para seu propósito, mas da produção da imaginação através símbolos estéticos e de verbalizações cada vez mais direcionadas a aparatos mais rudimentares da subjetividade.

O uso de dispositivos midiáticos com o intuito de controlar as subjetividades não se restringe somente às esferas políticas. As propagandas que são veiculadas com uma frequência assustadora, serviu à propósitos comerciais e financeiros. Há um ditado popular que diz que “ a propaganda é a alma do negócio”. O sucesso de um produto, na maioria das vezes, se dá através do potencial de sua divulgação. Não apenas uma divulgação simples, um tornar público, mas toda uma estratégia persuasiva, que se utiliza de elementos simbólicos e estéticos, bem como frases e jargões de efeito, visando promover na grande massa recebedora um sentimento de necessidade em relação a tal produto.

Além de se produzir um produto, produz-se concomitantemente, sua propaganda. Ela é tão importante, ao até mais, do que ele próprio. Surgem grandes empresas especializadas neste setor de produção, o chamado *Marketing* e *Merchandizing*. (procurar referências nas técnicas e efeitos da propaganda no desejo das pessoas). O capitalismo passa a produzir algo que não é destinado aos corpos, mas às mentes.

EaD e Controle

Diante de tudo que foi exposto, pode-se verificar a relação entre tecnologia, internet e *sociedade de controle*, não somente pelo caráter panóptico (por sua questão de vigilância) que a internet poderia proporcionar, sendo os usuários vulneráveis diante de pessoas que possam entrar em seus computadores e obterem informações pessoais sobre suas atividades cotidianas, mas também pela própria forma de organização da internet, sua descentralização e sua estrutura – aquilo que Galloway (2004) chamou de protocolo¹¹.

Do ponto de vista da vigilância, a internet é um potencializador dos processos de exposição e de interferência na vida privada, mas este não seria a principal característica das sociedades de controle. Foucault analisa a vigilância apuradamente em *Vigiar e punir*; especificamente na seção destinada ao panóptico, portanto, poder-se-ia dizer que Deleuze e não estaria dizendo nada além daquilo que o próprio Foucault teria analisado. Este tipo de posicionamento admitiria que não há o surgimento das sociedades de controle, mas sim um expansão das sociedades disciplinares

11 Galloway defende que a Internet é estruturada de forma protocolar. Isso significa que ela não possui uma estrutura livre. Há a possibilidade de se relacionar este ponto de vista à arquitetura do MOODLE. Embora seja um *software* livre, a de se ressaltar que sua organização limita o acesso do usuário

(SABOT, 2012). É nestes sentido que este trabalho não associa, estritamente, a vigilância que a tecnologia proporciona como o elemento fundamental para se pensar uma sociedade de controle, mas sim toda as estratégias que são direcionadas as multiplicidades. A Internet, por sua vez, intensifica este processo, se transformando em uma máquina de produção de signos.

A revolução que a internet proporcionou ultrapassa a dimensão técnica de seu desenvolvimento. Cabe a nós, que vivenciando sua implantação, nos questionar sobre as consequências com as quais as pessoas se deparam quando estão inseridas nesse contexto.

Ao contrário, se a internet for analisada sob o prisma de seus protocolos, estaríamos mais próximos de responder as perguntas postas acima, bem como responder também se existe um controle que é imposto através da rede. Protocolo nesse contexto, não se refere aos conjuntos de códigos que possibilitam a comunicação e transmissão de dados entre computadores pessoais (PC), ou seja, os protocolos de internet - *Internet Protocols* (IP), mas toda uma engenharia de produção e transmissão de informação através dessas redes. De forma mais simples, protocolo seria a maneira como a internet funciona.

Não há dúvidas que a internet transforma a maneira de se obter informação, exatamente por proporcionar ao “cliente” a possibilidade de também produzi-la, criando assim uma rede de produção horizontal, onde os diversos receptores se alimentem reciprocamente. Isso é considerado por alguns (CASTELLS, 2013), como condição *sine qua non* para o rompimento das correntes que oprimem e controlam a sociedade.

O simples fato da horizontalidade da transmissão da informação não é, para outros pensadores (GALLOWAY, 2004), critério de necessidade para a conclusão de Castells aqui referida. Mesmo havendo a descentralização desta “troca de dados”, há ainda a possibilidade do controle, para Galloway, mediante como a internet se desenvolveu. A forma como há a distribuição das redes seria algo próprio da *sociedade de controle* (GALLOWAY, 2004). Para ele, essas distribuições seriam como se fossem diagramas, aos quais Deleuze consideraria iguais a mapas, ou cartografias.

O modo como ocorrem as distribuições (mesmo não estando centralizadas) seriam como linhas que podem ser percorridas, onde se pode facilmente rastrear o percurso onde qualquer indivíduo que tenha transmitido ou recebido dados de uma máquina para a outra. Só é possível esta transmissão pelo desenvolvimento dos códigos que se transformaram, no decorrer dos anos, naquilo que se convencionou chamar de IP.

A posição de Galloway vai ao encontro das teorias que associam sociedade de controle ao biopoder. Ele sugere que a relação da forma como se vive hoje é protocolar. Segundo essa linha de raciocínio, as pesquisas tardias de Foucault se assemelhariam ao processo de relação pessoal que se desenvolve após o advento da internet. As inovações tecnológicas potencializariam os efeitos do biopoder, produzindo um gerenciamento das formas de distribuição assim como nas sociedades disciplinares. O que Galloway defende é que o protocolo seria característico da *sociedade de controle*, da mesma forma que o panótipo seria característico da sociedade disciplinar.

A similaridade entre o biopoder (e o protocolo é que ambos estão estruturados em uma relação formal de conhecimento (idem p. 17). Cada novo diagrama (forma de se estruturar, de se relacionar e de se comunicar) promove uma mudança nas relações, impondo novas articulações e posicionamentos, o que pode ser identificado no biopoder, porém, nas *sociedade de controle*, isto se dá de forma mais tecnológica e dinâmica. Sendo assim, protocolo não seria as distribuições de computadores em rede, mas sim o sistema de controle presente nelas, ou proporcionados por elas. É um sistema de gerenciamento tanto da pessoas (o que faria ser similar ao biopoder) quanto da informação - o que assemelharia às novas interpretações da sociedade como as sociedades da informação. A tese de Galloway é que isto só aconteceu após a descentralização da estrutura de organização.

Tais afirmações estão fundamentadas nas colocações de Deleuze sobre os tipos de máquinas que são correspondentes à cada tipo de sociedade. Em uma entrevista com Antonio Negri em 1990, ele afirma que as “máquinas mecânicas” (em o Post Scriptum ele chama de analógico) é próprio das sociedades de soberania. As máquinas a vapor, ou seja, as indústrias, são próprias das sociedades disciplinares, ao passo que as máquinas cibernéticas, como o computador etc, seriam uma expressão das *sociedades de controle*.

A descentralização, para a qual Galloway chama a atenção, é aquela da estrutura de transmissão de informação da internet, que pode ser entendida como um marco simbólico, se efetuando na própria organização da sociedade, e sendo expressa sob a forma de novas relações monetárias e fluxos de capital. Seria uma sociedade em rede (CASTELLS, 2013), onde cada vez mais as relações estão horizontalizadas. O fato de estas relações não serem mais - de forma predominante - verticalizadas, não as caracteriza como sendo mais amigáveis. O que se efetiva, no entanto, é a fluidez das relações de poder, ou sua imanência. Isto seria a *sociedade de controle* para estes autores.

Como a internet é descentralizada, ela pode ser considerada não hierarquizada. Dessa forma, ela se distancia de uma estrutura “arbórea”, se assemelhando ao conceito de rizoma que Deleuze e Guattari expõem em *Mil Platôs*. Foi como consequência dessa descentralização que as linguagens de transmissão de informação se originaram na *net*, utilizando a *Hyper Text Markup Language* como ferramenta.

Tendo sido isto afirmado e sendo o ensino a distância uma modalidade que se utiliza da internet, pode-se supor que haja uma relação entre EaD e *sociedade de controle*. Dessa forma, é justificável que se analisem obras sobre estes dois temas, com a expectativa de conectá-los.

A educação, ou melhor, as instituições educacionais, foram classificadas por Foucault como sendo uma forma de confinamento. Isso pode ser facilmente constatado se for levado em consideração a arquitetura das construções onde se instalam as escolas. Não se pode negar, também, que as técnicas disciplinares estiveram presentes durante muito tempo dentro destas instituições. Porém, Deleuze (2013) afirma que não somente este tipo de confinamento está em crise. É importante notar que o termo ‘escola’ aparece várias vezes no texto que ele aborda a *sociedade de controle*. Seguindo esta lógica, o que se pode questionar é como este processo de controle se relaciona com a educação.

As consequências na educação

A escola tradicional é um elemento próprio das sociedades disciplinares, e nela pode-se ser encontradas todas as características de uma normalização disciplinadora, a qual já foi amplamente debatida neste texto. Um destes elementos é que tudo se dá de forma linear. Pode-se dizer também que o confinamento também é algo linear neste tipo de contexto. Além disso, temos exemplos que explicitam sua relação com esta noção disciplinar. Neste tipo de estabelecimento há o confinamento (o que se pode configurar como o sequestro dos corpos dos alunos), ou seja, há uma gestão do tempo e do espaço, ao mesmo tempo em que há a decomposição deste elemento para que se possa, por fim, estabelecer os elementos mínimos da percepção. Os alunos usam uniformes, vão em bora ou entram na sala quando um sinal sonoro é emitido, fazem fila para a merenda, devem obediência ao professor, dentro outros.

Já nas *sociedades de controle*, o que se observa são os processos de *modulação*, termo que o próprio Deleuze (2013) utiliza, que seriam modalidades de exercício do poder. Dentre seus diversos tipos,

pode-se destacar o fim de períodos bem delimitados para o começo e o fim de uma etapa. Há sempre um retorno: “passamos da escola à empresa, e da empresa retornaremos à escola” (LAZZARATO, 2006, p. 75).

Nos meios educacionais, esse tipo de modulação tem sido cada vez mais evidente, com o surgimento das novas modalidades de ensino, como o que se denomina EaD. O fator que mais chama a atenção nesta modalidade é exatamente o de ser a distância. Segundo Lazzarato (2006), as novas relações nesse tipo de sociedade se expressariam pela ação a distância (processo de modulação), de uma mente sobre a outra.

Isso só é possível com o avanço tecnológico, que, por sua vez, tem como uma das consequências o capitalismo. Dessa forma, o capitalismo impõe às instituições educacionais a necessidade de se transformarem, primeiramente, com a simples adesão de instrumentos tecnológicos como os instrumentos de projeção de imagens, etc. Já com o advento dos cursos a distância, o que se observa é a crise do confinamento dentro dessas instituições.

Outros fatores para os quais Deleuze chama a atenção, um deles seria o de que os lugares fechados seriam substituídos. Na EaD isso ocorre, pois não há mais a necessidade de salas de aula. Os cursos são oferecidos através da internet, e as “turmas” são espaços dentro de ambientes virtuais (AVA), onde os alunos encontram o conteúdo relacionado ao tema dos cursos, bem como as situações de aprendizagem (as atividades) que os professores propõem a eles. Ao colocar seu curso na internet, um professor expõe seu trabalho, e o aluno, uma vez que é levado a entrar nessas “salas de aula”, se vê submetido a ter de responder questões ou anexar trabalhos, tudo através da rede, também utilizando as redes sociais¹².

A relação com o tempo também é transformada, e aquilo que se configurava como bem organizado no tempo, ou seja, o início e o fim bem determinados, deu lugar ao que se chama de formação continuada.

Quando se afirma que há um aumento das tecnologias da informação na educação, não se leva em consideração apenas o uso de aparelhos eletrônicos como ferramentas, mas também uma crescente utilização das mídias. Sendo assim, qual seria a diferença entre um ensino que se utiliza de uma tecnologia como a internet, e um ensino que o que se utiliza de outra, como a televisão. Não se pode

¹²<http://www.emdialogo.uff.br/content/uma-escola-entre-redes-sociais-documentario-de-pesquisa>

afirmar que se há controle imposto através de tecnologia, este seria diferente mediante o seu meio de propagação. A televisão, da forma como é estruturada, desde sua origem até hoje, não proporciona meios alternativos de resistência ao controle que, eventualmente, exerce sobre os telespectadores. A pergunta que pode ser feita é se a internet também segue essa mesma lógica ou se não há meios de fuga deste controle.

Controle, televisão e internet

Dentre todos os meios de transmissão de informação, a televisão é, sem dúvida, um dos mais peculiares. Além de apresentar os elementos que caracterizam um veículo como sendo um meio de transmissão de massa – instantaneidade, simultaneidade e globalização, ela apresenta uma série de imagens eletrônicas que levam o espectador a “entrar” naquilo que está sendo apresentado. Isso faz com que a TV seja muito mais do que um meio de informação, mas sim uma máquina de organização social, ou uma *megamáquina* (ALLEMAND, 1980).

Segundo Étienne Allemand (1980), ela é uma espécie de panóptico, ou de forma mais específica, um telepanóptico, porém, de forma inversa. Fazendo uma explícita referência a Foucault, no que se refere ao capítulo de *Vigiar e Punir* destinado a esse tema, ele desvela a dimensão sócio tecnológica em que a televisão está inserida, se aproximando daquilo que Foucault fez um alerta em sua obra, com relação ao *controle*.

O telepanoptismo é considerado às avessas, pois, em vez de as pessoas serem observadas o tempo todo, e por isso controladas – como em Foucault – elas é que estão observando, obcecadas, ficando o tempo todo na frente à telas. Porém, o que é transmitido nelas? Qual a *mensagem* a que se destina? Para responder estas perguntas, Allemand enfatiza o aspecto de massa desse meio de comunicação, como uma nova forma espaço-temporal de organização social, o que ele chama de S.I.G (simultaneidade, instantaneidade e globalização). Isto significa que a televisão é uma “rede de organogramas de comunicação, cuidadosamente predeterminada” (ALLEMAND, 1980, p.41).

Ela transmite, simultaneamente, de forma instantânea a todos os públicos, uma vez que não há mais uma distinção nítida e direcionamento das informações a um público determinado, como Tarde (1989) expõe em *Opinião e as massas*, a mesma informação, não proporcionando ao interlocutor a possibilidade de escolher qual informação obter, muito menos sua qualidade e credibilidade. Pode-se acrescentar, talvez, mais um elemento aos já citados por Allemand, a passividade, uma vez que o receptor da informação não a busca de forma efetiva. Ele apenas liga o “aparelho emissor” e se senta diante dele, passivamente, não questionando, na maioria das vezes, as informações que lhe são impostas. A televisão é, portanto, um instrumento psico-tecnológico, com uma função bem definida: controlar, entendendo-se o conceito, aqui, como o define Allemand, ou seja, através da emissão de conteúdo programado por uma única mídia.

A televisão foi o meio de informação hegemônico desde o seu surgimento até metade da década de noventa do século XX, com a popularização da internet, que vem revolucionando a forma de como se busca informação. Foi hegemônico, pois, embora haviam outras mídias, como o Rádio, e o jornal impresso, o discurso proferido pela televisão se transformava em fatos verídicos. Esses discursos ainda tendem a se tornarem a “verdade” em determinados casos, porém o conteúdo produzido pela Internet vem modificando este quadro.

Sabe-se que há e pode-se supor que continuará havendo uma coexistência entre a televisão e a internet, assim como o rádio e a televisão, o telefone fixo e o celular. Da mesma forma, com o surgimento da internet, a mesma está inserida em todas as demais formas de comunicação, algo considerado irreversível. Neste sentido, abordar as questões que estão envolvidas no papel dessas mídias como instrumentos educativos está intrinsecamente ligado a todas estas formas de tecnologia, no entanto, este estudo se debruça mais especificamente, nos aspectos voltados para internet.

Sob o ponto de vista de sua estrutura, a internet apresenta uma organização muito mais complexa que a televisão. Ela é baseada na linguagem de marcação de hipertexto (*Hyper text markup language*), o famoso HTML, que, por sua vez, pode ser inserida na ampla rede mundial (*world wide web*), WWW.

No início, somente quem dominava a linguagem HTML podia criar um conteúdo e lançá-lo na rede. Hoje, com a criação de ferramentas que facilitam sua inserção, há a possibilidade de usuários “comuns” criarem seus próprios sites, blogs de notícia, vídeos etc.

A natureza da internet é rizomática (assim como a interpretação do capitalismo através da filosofia da diferença). Não há “um lugar só” onde ela se origina. Não há início, nem fim. Não há linearidade. Trata-se de uma nova realidade sem limites de território.

Isso possibilitou uma revolução nos meios de comunicação, que antes era monopólio dos “grandes fluxos de capital”, e seu contraste com a televisão é algo visível.

Ação a distância

O processo do desenvolvimento tecnológico é bastante complexo. O próprio conceito seria um tema que exigiria uma análise mais apurada, uma vez que ao se falar em Internet, presume-se que alguma definição de tecnologia se ofereça, e sabendo que humanidade sempre apresentou mudanças em termos de tecnologia, não se pretende aqui fazer uma genealogia da tecnologia, para relacioná-la com o tema do controle. Pretende-se, ao invés, analisar de forma sucinta como o desenrolar de uma tecnologia pode afetar seres humanos, ao ponto de proporcionar uma situação em que ele possa ser controlado.

Assim, Lazzarato afirma que o controle pode ser uma ação a distância, proporcionada pela tecnologia (LAZZARATO, 2006), onde o público se faz um elemento importante, pois é nessa relação que se torna possível agir sobre uma mente, ou seja, “uma ação à distância de uma mente sobre a outra” Para esse autor, a internet seria como isso se atualiza, proporcionando aos cérebros se tocarem.

Neste sentido, “agir a distância” não se refere à uma noção clássica do termo agir, como sendo a mesma coisa que *práxis*, mas sim como uma operação onde as multiplicidades se encontram, se tocam, uma colaboração entre cérebros (LAZZARATO, 2006). *Práxis* em grego possui um sentido

de agir com o corpo, um agir político, porém o que se chama a atenção neste texto é para um agir que não se aplica a este conceito. O agir a distância seria um agir que produziria um resultado na mente das multiplicidades, uma espécie de *pathos*, no sentido que deixariam marcas mentais (*aistemas*) no aparato intelectual dessas multiplicidades. Portanto verificar qual a relação entre internet, controle e ação a distância, se torna pertinente. Ao se pretenda relacionar estes elementos com a educação, uma vez que estes se apresentam na esfera das relações humanas, ter-se-ia a necessidade de compará-la com a modalidade de educação a distância.

Ao analisar a obra de Gabriel Tarde, Lazzarato (2006) entende que agir a distância seria uma forma de atuar sobre a dimensão que caracteriza as multiplicidades em seus desejos e crenças. Um agir semiótico, a-significante, se nos referirmos às explicações de Guattari. Para Guattari, uma produção significativa é aquele que se estabelece através do desenvolvimento do simbólico.¹³

Um agir dentro destas características se diferenciaria daquele destinado aos corpos das multiplicidades, como o “agir disciplinar”, e daquele destinado à população como um todo indiferenciado, como a bioplítica (LAZZARATO. 2006, p 75). Um agir controlador, um agir a distância, se destinaria a um público, uma massa dispersa em que a influência das mentes, umas sobre as outras, se tornaria uma ação.

Um agir desta especificidade se consolidaria na emergência da cooperação entre cérebros e seus funcionamentos por fluxos, por redes (*networks*), dispositivos tecnológicos arrojados, que agem a distância e que dobram e amplificam a potência da ação das multiplicidades. Neste contexto, esse agir é mais do que uma ação em si, é produção de subjetividades. Em suma, nas *sociedades de controle*, as relações de poder, tendem a se expressar pela ação a distância, de uma mente sobre a outra, afetando (e conseqüentemente sendo afetado) os demais cérebros, de forma midiaticizada e proporcionada pela tecnologia.

Uma escola, em seu aspecto clássico, na forma como Foucault a enquadrava, numa expressão das técnicas disciplinares, estaria voltada a um agir mais próximo das relações de poder descritas por ele em suas obras. O confinamento seria um elemento característico deste tipo de educação. A organização bem definida no espaço, o prédio ao qual a escola funciona é trancado (assim como em

13 Guattari possui formação psicanalítica, e por muito anos, frequentava a clínica de Jacques Lacan. Verifica-se forte influência do pensamento lacaniano no desenvolvimento deste conceito., embora se constate que Guattari critica o entendimento de que as subjetividades possuam apenas um desenvolvimento baseado no significante.

uma prisão), salas de aula como células, tempos bem definidos e a impossibilidade de se locomover durante o período em que a “aula” estivesse sendo proferida.

Da mesma forma que a sociedade em si está em um ritmo de mudanças extraordinário, a educação não seria diferente. Paradigmas como o confinamento estão sendo desconstruídos, e a EaD é uma demonstração de que isso ocorre. Portanto, não somente a educação sofre estas transformações, como também as subjetividades envolvidas neste processo, os profissionais que atuam como mediadores nos processos de aprendizado, como também os alunos que estariam diante de uma nova organização social.

Não se pode negar que esses alunos estão sendo colocados, cada vez mais, como um público ao qual o conteúdo seria destinado. Com o rompimento das barreiras postas pelo confinamento eles são expostos a toda a gama de signos e elementos sensoriais destinados à um nicho específico de clientes.

Em relação aos profissionais da educação, o alerta de Deleuze sobre a metaestabilidade é uma realidade. Antes, a sensação de segurança em relação ao próprio emprego era saudável para se exercer a docência. Hoje, com a educação a distância, até mesmo o papel do professor está dentro desta instabilidade, e a linha tênue entre ter um professor ou um tutor é um debate que se intensifica cada vez mais (HACKMAYER; BOHADANA, 2014).

Torna-se pertinente, nesse sentido, a pergunta se há como agir diferente, tanto em relação aos profissionais que estão sendo sujeitados a estas novas condições de trabalho, quanto em relação ao público ao qual estão sendo destinados estes conteúdos, esta significação.

O cenário atual que se apresenta tanto aos profissionais de educação, quanto aos alunos, é de transformação. Isso não é exclusividade deste setor da sociedade. A empresa de consultoria Ernst & Young, uma das mais importantes do mundo, lançou uma lista com algumas profissões que, segundo eles, se extinguiriam até 2025¹⁴.

Se realmente algumas profissões se extinguirão ou não, isso só será possível de se verificar com o passar dos acontecimentos, porém, o que se sabe, de fato, é que a tecnologia altera a forma como as pessoas se relacionam, inclusive no ambiente profissional.

¹⁴Empresa de Consultoria criada nos EUA, com sede no Brasil. Esta informação foi obtida no portal do jornal O Globo, em 18 de setembro de 2016.

Uma das tendências levantadas pelo relatório desta pesquisa, é que a consolidação do ensino a distância é uma realidade. Não somente o ensino será a distância, como seu profissional, segundo a pesquisa mencionada, não terá vínculo com instituições e que trabalhará de forma independente.

Esta seria uma das possibilidades, porém, há autores que afirmam ser o cenário atual do ensino a distância uma forma de abstração da figura do professor. Para Belloni, citado por Hackmayer e Bohadana (2014), o conteúdo a ser oferecido em um curso regular, será ofertado não mais pelo docente, seja ele um professor com formação naquele conteúdo, ou na figura do tutor, mas será ofertado por uma instituição. Isso pode ser amplamente constatado com as inúmeras ofertas de cursos na modalidade a distância que podem ser encontradas no mercado, com seu marketing aparecendo nos maiores veículos da mídia tradicional.

Da mesma forma que profissões desaparecem, outras tendem a surgir. Isso não necessariamente está vinculado a questões como melhorias e qualidades, tanto para o consumidor, quanto para o profissional que estaria sujeito às novas condições impostas por essa nova fase do capitalismo. A figura da tutoria em ensinamentos a distância é um exemplo disso, como veremos a diante, uma vez que se configura como uma nova condição de trabalho.

É nesse sentido que há um debate sobre qual é o papel dessas novas subjetividades que se atualizam no campo de acontecimentos da educação, seu papel no processo educativo e sua precarização. Atualmente, não é exigido, na maioria dos casos, uma formação específica na área à qual será ministrada a disciplina, para que alguém atue como tutor na mediação do conteúdo com os alunos. O conteúdo é produzido pelo professor, especialista no assunto, e é direcionado para profissionais que adaptariam este conteúdo à modalidade em questão, abrindo a possibilidade de os alunos entrarem em contato com este conteúdo, e se houver a necessidade de interagirem com alguém, há um tutor, que teoricamente não estaria capacitado para debater o conteúdo com a mesma propriedade que um profissional com uma formação adequada na área, para responder dúvidas e fomentar o avanço daquele aluno.

Em termos salariais, este tutor também não receberia uma quantia à altura de um processo educativo. “Isto se vê claramente na questão com o salário: a fábrica era um corpo que levava suas forças internas a um ponto de equilíbrio, o mais alto possível para a produção, o mais baixo possível para os salários;” (DELEUZE, 2013 p. 225). Tanto nas instituições públicas, onde o cenário é um

pouco menos desesperador, quanto nas instituições privadas, onde na verdade se busca reduzir custos, reduzindo o número de professores e aumentando o número de alunos. Não seria mais necessário que um professor desse várias aulas, sobre o mesmo tema, mais de uma vez, pois hoje, isso é reproduzido digitalmente, através de gravações em vídeos, que podem ser colocados em plataformas como *Youtube*, e acessados de qualquer lugar e a qualquer tempo.

Diante disto, não nos cabe aceitar a forma como estas subjetividades estão sendo produzidas, bem como o caminho pela qual a educação se direciona, mas também, assim como nos aconselha o próprio Deleuze, não devemos esperar de forma passiva os desdobramentos das *sociedades de controle*. Devemos buscar novas armas: Uma das questões mais importantes diria respeito à implantação dos sindicatos: ligados, por toda sua história, à luta contra disciplinas ou nos meios de confinamento, conseguirão adaptar-se ou cederão o lugar a novas formas de resistência contra as *sociedades de controle*? Será que já se pode apreender esboços dessas formas capazes de combater as alegrias do marketing? (DELEUZE, 2013)

De fato, será inútil lutar contra a tecnologia. Da mesma forma que a trinta anos atrás pessoas se comunicavam por cartas (embora isso seja pouco comum) não se pode mais negar o fato de as pessoas se comunicarem atualmente por *e-mail*, não mais pelo *mail* (correio) tradicional, ou até em aplicativos mais recente como o *Whatsapp*. Surgem daí novas subjetividades, novos acontecimentos, novas possibilidades, novas existências e re-existências (ASPIS, 2012).

Uma atitude saudosista não será muito frutífera. Não se pretende manter as sociedades disciplinares (lembrando que elas ainda existem) a qualquer custo, se tornando uma subjetividade anacrônica. Com o surgimento das novas tecnologias, emergem também novas subjetividades, com novas aptidões e formas de se relacionar.

Um profissional que pretende lidar com educação nas próximas décadas terá que ser capaz de se reinventar constantemente. De buscar novas opções de se efetivar e de se relacionar com os alunos. Terá que criar suas próprias *linhas de fuga*. Ser nômade, criar suas próprias armas, sua própria *máquina de guerra*. Lutar contra a tecnologia não significa não aderir a ela. Resistir termo a termo, antagonicamente. Como será exposto adiante neste texto.

Tanto os professores destinados à construção de material para os cursos na modalidade a distância, quanto os tutores, ou seja lá quem for que será o mediador deste conteúdo com os alunos, terão que,

primeiro, compreender o momento pelo qual a sociedade está passando, a saída de um modelo analógico de educação, disciplinar, onde uma estrutura se mostrou fixa por alguns séculos, e uma nova sociedade, onde o modelo digital é mais presente. De uma sociedade onde a modelagem era considerada um paradigma, para uma sociedade modular, autodeformante, fluida. Somente a partir deste *insight*, que será possível se colocar adequadamente diante do grande desafio, sem que sejam todos controlados, tanto professor quanto os alunos.

Saber que as multiplicidades são gerenciadas através de seus desejos, inundadas por signos que a subjetivam a-significante-mente é compreender que não é mais necessário uma disciplinarização extrema, aos moldes europeus do final do século XIX, e que a educação em nada tem que se parecer com isso. Sem entender as novas subjetividades, a forma como elas são produzidas, será inútil oferecer um sistema educacional que não terá referência em seus contextos.

O primeiro passo para se contrapor as *sociedades de controle* é entendê-la em sua fluidez. Em sua multiplicidade. Não é estar fora nem dentro. É estar fora e dentro ao mesmo tempo, coexistir. Não há um limite bem definido para se sentir a salvo. No estágio atual do mundo tecnológico, não se utilizar da tecnologia não faz sentido algum. Não há resistência de fato na abstinência. Portanto, o problema não é a internet, nem a modalidade que será, sem sombra de dúvida, o modelo vigente daqui a algumas décadas, mas sim o não entendimento da produção das subjetividades que se efetua a partir de um modelo de sociedade onde o controle passa a ser o dispositivo de poder por excelência.

Para mudar o cenário atual das relações de poder expressas pela implantação da EaD, ou seja, a pressão que o capital ligado as empresas do ramo de educação estão exercendo nos professores e nos demais profissionais da educação, seria mais eficaz se reinventar, do que procurar conter seu avanço através de leis. Se reinventar, criar possibilidades de ser algo novo, não capturado. Ao mesmo tempo que está dentro, produz um fora, cria um possível, faz diferente. Evita reproduções.

Uma vantagem da tecnologia é a criação. Criar a partir de códigos-fonte. Reprogramar programas desatualizados. Consertar *bugs*, subverter programas privados, “craquear” programas pagos. Da mesma forma, temos que atualizar os sistemas operacionais dos nossos cérebros, escolher distribuições livres, customizadas, sermos pessoas melhores, não sermos pré-programados como janelas (*windows*) nas quais não há a possibilidades de nos alterarmos sem danificar o sistema. Temos que ser livres, a isto estou chamando liberado: poder de decisão, ter as rédeas nas mãos.

Meios para se contrapor: exemplos retirados da própria internet

Em *Post scriptum para as sociedades de controle*, Deleuze nos encoraja a trilharmos *linhas de fuga*. Numa sociedade como a nossa, isso fica cada vez mais complicado, pois as pessoas se expõem, utilizando-se das tecnologias, facilitando os processos moduladores da *sociedade de controle*.

Diante disso, como proceder? Para Deleuze, o ponto não é um rompimento brutal com toda a tecnologia, ou com algum tipo de “sistema”. Para ele, temos que inventar saídas: não basta aceitar ou rejeitar, temos que procurar criar as mencionadas *linhas de fuga*.

Retomando a problemática que envolve a televisão e sua relação com a educação, verifica-se que um dos principais elementos é o seu caráter passivo por parte do receptor. Embora haja o argumento de que: “você pode mudar de canal”, sempre ocorrerá o monopólio das informações por parte de grandes empresários ou até mesmo de governos, não se efetuando, portanto, em uma troca (quando se muda de canal) que traga mudanças expressivas. Esse monopólio da comunicação se efetua no alicerce de relações muito específicas de poder (CASTELLS, 2013).

Assim como nos demais meios de comunicação, também a internet é utilizada como plataforma de transmissão de conteúdos educacionais. Ela não só é hoje o meio mais utilizado pela modalidade a distância, como ainda o mais dinâmico, no sentido de desenvolver ambientes próprios, com o intuito específico dessa transmissão.

Foi através dela que a EaD se expandiu, uma vez que o aumento da demanda, e conseqüentemente da oferta de cursos a distância coincide com o período de popularização da *web*. Porém, em relação à internet, outros elementos são colocados em jogo. Ela se difere dos demais veículos de comunicação, como a televisão por exemplo.

A internet revolucionou os meios de comunicação, rompendo com esse monopólio exercido pelas grandes empresas e pelo capital, abrindo espaço para a multiplicidade e para as individualidades se

expressarem e buscarem, por meios próprios, quais informações e conteúdos que eles achassem pertinentes. Interessante constatar que, embora a internet no início dos anos 80 ainda estivesse restrita a órgãos da inteligência norte-americana, em um comercial de TV, em que a *Apple* lançava o primeiro computador pessoal (PC) da história, o *MacIntosh*, quando uma mulher aparecia vestida de branco e segurando uma marreta (talvez tentando fazer alusão a alguma deusa grega, ou a algo que representasse a liberdade), contrastando a uma massa de indivíduos sentados em frente a uma grande tela onde informações eram passadas de forma controladora, nítida alusão ao livro *1984*, de George Orwell (no qual há um “teletela” que transmite e capta conteúdos para determinação da vida das pessoas) e finalmente, ela arremessa a marreta em direção à tela, destruindo-a. Era o prelúdio de que algo revolucionário estava por vir. No livro, o grande irmão (big brother) faz aparições magistrais, em grande telas, para reforçar a obediência voluntária, da população.

De fato, a internet cria novas formas de organização. As chamadas redes sociais digitais, que nada mais são do que “movimentos sociais conectados em rede” (CASTELLS, 2013), que, através do ciberespaço, permite a um número incontável de pessoas, emitir e espalhar na web milhares de informações e ideias, de forma rápida e multidirecional.

No livro *Redes de indignação e esperança*, Manuel Castells (2013) discorre sobre como a internet recoloca o problema das relações de poder, que ora estavam postas no monopólio dos meios de comunicação, e agora possibilita a atuação autônoma daqueles que nunca eram ouvidos. Castells analisa como a internet, por meio das redes sociais digitais, foi fundamental na mobilização das diversas manifestações ocorridas a partir de 2010, em várias partes do mundo, começando primeiramente na *Primavera Árabe*, depois com o *Occupy Wall Street*, e finalmente, com as manifestações de rua que ocorreram na Europa e no Brasil.

Castells denomina essa sociedade, que se organiza em redes, de *sociedade em rede*. Para ele, essa será a base para as sociedades do século XXI. Nesse tipo de sociedade, o controle do Estado sobre o cidadão fica cada vez mais difícil, se houver uma organização horizontal das informações. Isto só seria possível se fosse atacado um dos pilares das estratégias dos meios controladores, que é a manipulação através da criação de significado nas mentes das pessoas.

Antes da popularização da Internet, isso era feito de forma vertical, de um emissor “único” para uma massa amorfa. Era fácil controlar essa criação de significado. Agora, esse significado não deixou de ser criado, mas há um elemento que escapa à tentativa de “moldar” as mentes das

peças, que é exatamente o fato de vários significados serem criados e compartilhados concomitantemente, pelos próprios usuários. Não há mais um único emissor, são vários, e vários são também os receptores, que escolhem o que consumirão. Ou seja, isso é a mudança do ambiente comunicacional, que afeta diretamente as normas de construção de significado, e consequentemente, a produção das relações de poder.

Surge um novo fenômeno social: a autocomunicação, que é a produção da informação não mais advinda de grandes corporações e destinada a um público específico, mas a possibilidade de cada pessoa, que for alfabetizada, de poder buscar e criar informação.

Possíveis *linhas de fuga*

Ao se buscarem meios para contrapor as *sociedades de controle*, aquilo que Deleuze chamou de *linhas de fuga* se fazem bastante pertinentes. Isso significa que um confronto termo a termo (algo do tipo, analógico x digital, tecnológico ou manual), uma oposição rígida diante daquilo que se procura resistir não se faz efetivo dentro deste contexto de sociedade e suas manifestações, como a tecnologia, por exemplo.

Para Deleuze, a questão não é um rompimento brutal com toda a tecnologia, ou com algum tipo de “sistema”. Para ele temos que inventar saídas. Não basta aceitar ou rejeitar, temos que procurar tais *linhas de fugas*, ou como ele diz: “Não cabe temer ou esperar, mas buscar novas arma” (DELEUZE, 2013, p. 224).

Um bom exemplo é o que Hakim Bey chama de *Zonas autônomas temporárias* (TAZ). As Zonas autônomas temporárias seriam tentativas de luta, propostas por Bey. Elas não seriam corporações, não seriam algo fixo e permanente, a TAZ na verdade é invisível. Por isso o Estado não pode reconhecê-la. Não se trata de uma instituição, que por sua vez estaria muito bem reconhecível. Em vez de se enfrentar a *sociedade de controle* de forma explícita, o que Bey propõe é uma espécie de Cyber Punk. Ou seja, ao criarmos as TAZ, poderíamos atuar como “anarquistas”, de forma autônoma, sem criar grupos rígidos e, consequentemente, fáceis de serem “capturados”.

Os exemplos verificados hoje em dia nas redes sociais parecem convergir para o que Bey denominou como TAZ, elas não seriam um lugar, é uma ação, um modo de se posicionar. As

pessoas podem até pertencer a partidos políticos, mas independente disso, o que ocorre, é que cada vez mais, elas estão agindo de forma temporária – pois não se associam necessariamente a grupos permanentes – e também de forma autônoma, quando não seguem uma cartilha imposta verticalmente.

Para que possamos realmente buscar elementos na própria rede para auxiliar os professores a não se submeterem ao controle imposto pelas tecnologias, seria importante expor situações de êxito por parte dos usuários que se engajaram na tarefa de desconstruir um discurso pró controle. Aqui, discurso pró controle seria aquele imposto pelas grandes redes de comunicação. Há a necessidade de criarmos TAZs, *linhas de fuga*, criar novas armas para enfrentar este desafio.

As grandes corporações são empresas capitalistas. Seguindo essa lógica, quando entram em disputas políticas, elas claramente escolhem seu lado. Exemplo disso foram as eleições no Brasil, ocorridas em 2014, quando grande parte da imprensa brasileira favoreceu, aberta ou veladamente, um dos candidatos, como demonstrou o chamado “Manchetômetro”, pesquisa criada por pesquisadores da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)¹⁵, que avaliou a postura dos veículos de informação durante a corrida presidencial, através da contagem de manchetes positivas, neutras ou negativas em relação a cada candidato. O resultado dessa pesquisa é surpreendente, e demonstra claramente que esses veículos não têm o interesse autêntico de informar o cidadão, uma vez que se constata através desta pesquisa que o intuito das manchetes jornalísticas, tanto dos jornais impressos, quanto das televisivas, é direcionar a opinião pública a escolherem determinados candidatos a cargos políticos, alinhados aos interesses destas empresas jornalísticas.

O teor das manchetes de notícias é pré-determinado, visando formar opiniões específicas de forma a favorecer seus interesses. Parece provável que, caso a internet não estivesse difundida popularmente, os resultados das eleições, nos níveis federal, estadual e municipal, seriam muito diferentes, uma vez que não haveriam outras versões, *sub-versões* sobre fatos determinados, influenciando a intenção de voto dos eleitores.

Diante dessas informações, cabe indagar se é possível trabalhar em rede sem se submeter a estes tipos de controle. Assim, procura-se demonstrar, que isso é viável, considerando a internet um meio para isso se efetivar. Cabe então a pergunta se há alguém ileso a este tipo de controle.

15 www.manchetometro.com.br

Após um levantamento de obras que abordam o tema das *sociedades de controle*, bem como elementos de outros ramos da produção de conhecimento, como os de natureza artística, constatou-se que estes possuem resultados consideráveis na exposição de dispositivos de controle, mas também oferecendo exemplos de resistências, em suas produções. Foi com este intuito que houve a seleção de obras de alguns artistas, que têm certa ligação com a temática desta pesquisa.

Is there anybody outthere? (Tem alguém aí fora?) ou Is there anybody in there? (Por que estamos presos aqui dentro?)

O século XX caracterizou-se pela ampliação das formas de linguagem e comunicação. Anteriormente, a informação só era possível, em larga escala, se fosse escrita. Os livros eram os únicos meios de informação de que se dispunha. Posteriormente, surgiram os jornais impressos, o telégrafo e, finalmente, os meios de informação revolucionários como o rádio e a televisão, possibilitados pelas transmissões em ondas, em meados da década de 1950.

A televisão, por reunir diversos elementos semióticos, foi o meio de informação hegemônico no último século, porém, seu embrião já existia com a criação do cinema. De fato, o cinema também assumiu uma posição de destaque no imaginário das pessoas, primeiramente como entretenimento, mas também como fonte de informação cultural.

A música, que na maior parte de sua história, ficou ligada somente à arte, no século XX passa a ser um veículo de expressão político e ideológico. O *Rock n' Roll* subverteu o *status quo* da segunda metade do século e se constituiu como veículo de informação sobre temas que normalmente não eram abordados, como sexualidade, uso de drogas, espiritualidade e diversidade cultural.

Não seria equivocado afirmar que outros modos de se obter conhecimento, nos dias atuais, sejam tão influentes quanto análises textuais nos moldes acadêmicos. Tal afirmativa não estabelece juízo de valor sobre uma ou outra, mas apenas constata que, em relação a alguns temas, seria necessária a ajuda destes modos alternativos de produção de conceitos.

Ao pesquisar sobre o tema do controle, especificamente com o recorte deleuziano, verifica-se que há uma grande produção a respeito (VIRTANEN,2011; LAZZARATO, 2012; SABOT, 2012;

NEURATH, 2015; GALLO&ASPIS, 2012), porém, isso não impede que busquemos em outros veículos de informação, como a música e o cinema, elementos que nos ajudem a pensar este tema da *sociedade de controle* sob a ótica da busca de meios através dos quais se possa contrapor a tal controle.

Partindo-se do pressuposto de que estamos neste tipo de sociedade (DELEUZE, 2013), não se deve aceitar passivamente tais modulações, nem fazer oposição rígida a elas, mas temos que propor formas novas de nos posicionar. Seguindo esta lógica, é sempre bom lembrar que o presente trabalho tem como foco esses meios de se contrapor à *sociedade de controle*, mas, neste sentido, priorizou-se buscá-los em meios que não sejam os tradicionais (escritos acadêmicos), optando-se por dar atenção às mensagens que o cinema e a música podem nos transmitir.

Ao trazer expressões artísticas que podem ser interpretadas como uma alusão à *sociedade de controle*, propõe-se um olhar mais apurado sobre a obra de arte, enquanto expressão estética, expondo sua possibilidade de veicular conteúdos políticos (PARRA, 2009).

No produto da pesquisa, que foi a construção do *site*, são utilizados o cinema, através da análise do filme *Matrix*, e o álbum *The Wall* do *Pink Floyd* (o disco e alguns videoclips atuais). Uma destas músicas pergunta em sua letra, no entendimento desta pesquisa, se há algum indivíduo desta sociedade que está “fora” dos mecanismos de controle.

As aparências de mundo que temos e a forma como se vive nele, dá-se impressão de que ele é assim, da forma como aparece aos olhos. Não se dá conta de que ele é produzido. Se nos retirarmos drasticamente dessa forma de experiência e nos lançarmos no meio de uma floresta, ou de um deserto, veremos que todas essas formas de organização sociais e política são produtos dos seres humanos.

Não estar ciente disso é algo tão comum que nem nos damos conta. Vivemos sem cogitar sobre, que isso que consideremos como sendo a verdade, é apenas um construto. De fato tomamos as pareências como se elas estivessem aí, de forma natural e auto-surgidas. Vemos o mundo de forma rígida. Não nos perguntados sobre o tipo de fenômeno ao qual nos relacionamos, enquanto nos relacionamos com ele. É um hábito. Está dentro de nós. É uma habitação duro como aço

(*stahlhartes Gehäuse*)¹⁶, difícil. Estamos passivamente nos relacionando com um mundo produzido e que nos é injetado. Como uma injeção. Estamos confortavelmente entorpecidos.

Descrição e construção do produto *Tem alguém aí fora?*

A proposta para a produção do produto foi a construção de um *site* que abriga uma discussão sobre *a sociedade de controle* e de como a produção midiática, seja ela em filmes, videoclipes, músicas e outros, pode auxiliar na definição do que venha a ser esta sociedade. Não foi o objetivo deste produto somente oferecer algo pronto para um “consumidor final”, mas, sim, oferecer uma experiência tanto filosófica, ao passo que fomentaria um processo de produção de pensamento, quanto uma atitude efetiva ao possibilitar, a quem se utilizar deste *site* a chance de modificá-lo, ou até mesmo subvertê-lo.

A ideia de modificação e subversão é totalmente pertinente com a proposta de pensamento do contexto em que a dissertação e seu produto se referem. Por dialogar com a dimensão tecnológica (principalmente a internet, a televisão e outros afins), há uma seção no *site* destinada ao conceito de “código aberto”, já abordado ao longo do texto. Esse foi um dos motivos pelos quais não se optou por produzir o *site* em programas como o *Wix* e *Wordpress*, uma vez que são programas em código privado.

Neste sentido, a proposta não é apenas oferecer o código para que ele possa ser modificado, mas também proporcionar uma experiência de produção através de um código inicial. Sendo assim, a modificação do código passa a ser uma das atividades propostas. Isso vai ao encontro tanto do pensamento de código livre, quanto do pensamento de se evitar uma postura de transmissão do conhecimento ao fomentá-lo através da procura individual. Em certa medida, a cada página do *site*

16 Conceito weberiano retirado de *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. A “gaiola de ferro” é uma imagem que persuade ao leitor concordar com Weber, em sua posição de que o capitalismo não teria um fim. Para Weber as relações capitalistas criaram uma estrutura “dura como o aço” ao qual se tornar impossível sair dele. Ele chama a atenção para as estruturas do estado e para as relações advindas destas estruturas. Usa-se este conceito nesta pesquisa como analogia as sociedades de controle. Pergunta-se com isso se há saídas possíveis na sociedade de controle, ou caso o contrário, elas seriam intransponíveis, assim como Weber entende as relações do capitalismo.

pode ocorrer a sensação de que o conteúdo acabou, mas nesta etapa, o interlocutor irá se deparar com a proposta para que continue a produção do *site*, com algumas dicas e tutoriais sobre como ele deverá fazer para continuar a programar.

A importância da postura ativa de quem estiver utilizando o *site* será a de que, a partir dessa atividade, ele estará não apenas consumindo uma versão proposta e posta para ele, mas sim, criando a sua própria versão, uma *sub-versão*.

De acordo com ASPIS (2012), as noções de *sub-versões* estão fundamentadas no pensamento de Deleuze e Guattari, em sua obra *Kafka por uma literatura menor*. Uma *sub-versão* é uma versão da minoria: “Uma literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior [...] nelas tudo é político [...] tudo adquire um valor coletivo” (Deleuze; Guattari, 1977, p. 25,26 e 27 apud ASPIS, 2012, p. 98). Segundo Aspis, experiências de ensino de filosofia que buscam proporcionar em seus alunos mais do que um pensamento rígido e engessado, reproduzido, repetido, mas sim a vívida e verdadeira produção de conceitos, ou seja, o pensar em si mesmo, é em essência o que a filosofia é de verdade. Ao se propor a continuação da produção do *site*, pretende-se fomentar que quem o esteja consumindo, seja também um elemento ativo na sua produção, criando diversas *sub-versões*.

Como o intuito é proporcionar um ato criativo, não se pretende restringir as modificações que por ora possam ocorrer somente ao escopo proposto inicialmente, a problematização *da sociedade de controle*. Pode-se, portanto, até mesmo apagar qualquer referência a esta temática, deixando somente o esqueleto básico da programação do código. Desta forma, o produto passa a ser um *template* para que o professor possa fazer qualquer *site*, escolhendo o tema em questão.

Para problematizar a “adesão aos mecanismos de controle”, é proposto não se utilizar de ferramentas que “facilitam” a construção de *websites*, como *Wix* e *Wordpress*. O que se utiliza é a programação em linguagem HTML5 e formatação CSS. Embora haja uma desvantagem em relação à hospedagem, uma vez que programas como *Wix* oferecem a hospedagem para quem constrói seu *website* através de suas ferramentas, acredita-se que há a vantagem de não oferecer para estas empresas informações pessoais dos desenvolvedores do *site*. Optou-se, na produção deste produto, pelo bloco de notas, por ser básico e acessível em qualquer computador.

No atual estágio de seu desenvolvimento, a parte mais avançada da criação é aquela que aborda as semelhanças entre filmes como Matrix e algumas produções sobre a *sociedade de controle*. O produto não fica restrito a temas cinematográficos, mas dialoga também com produções musicais, como o álbum The Wall, de 1979, do Pink Floyd, em que uma de suas faixas dá título ao produto. Is *There Anybody in There* (Tem alguém aí fora?), com a música *American Idiot* da do Green Day.

Um dos pressupostos do trabalho é que o *controle* (em sua fase atual) é mais caracterizado por aspecto mental do que em períodos em que se predominava a disciplina (Foucault). Foram selecionadas algumas cenas de Matrix onde isso é problematizado pelos personagens.

Com a conclusão do produto, tem-se um *site* com várias seções, cada uma trabalhando um aspecto que foi problematizado na dissertação, sua relação com produções midiáticas que abordem aquele tema. Outro exemplo ainda desenvolvido é a relação entre as análises de Felix Guatarri sobre a “nova mídia”, ou a mídia de massa e como esta mídia produz subjetividade “a-siginificante”, agindo muito mais através de imagens, do que de discursos propriamente ditos. Alguns autores contemporâneos, como Lazzarato e Virtanen, aproximam esta análise da *sociedade de controle*, o que se pode encontrar também nas considerações de Neurath. Para trabalhar esta ligação entre novas mídias e controle, será apresentada músicas da banda norte-americana *Green Day*, especificamente seu álbum *American Idiot*. Neste álbum, a “nova mídia” é confrontada, e sua produção “uma nação alienada” é evidenciada.

Para tornar o *site* mais interativo, pois a proposta é tirar o estudante de uma posição passiva em relação à produção do conhecimento, foi criado um espaço para comentários e discussões, onde o professor poderá mediar as questões levantadas.

A descrição a seguir segue a sequência que o produto foi feito, isso não significando que haja uma linearidade de acesso ao *site*. A ideia, como a de qualquer *site*, é que a entrada seja feita de forma aleatória.

Então? Tem alguém aí fora?

Embora a ideia de um *site* seja rizomática, há sempre uma página principal (como a raiz principal de um rizoma). Esta página é, normalmente, chamada de *homepage*, ou simplesmente *home*. Isso

não é necessariamente rígido, mas espera-se em uma *home* algumas informações básicas do *site* como um todo. Em *Então? Tem alguém aí fora?* o usuário irá ter algumas informações básicas sobre o produto.

Por que intitular o *site* com uma pergunta? Esta pergunta, “tem alguém aí fora?” possui duas dimensões. Uma é a própria referência ao álbum *The Wall do Pink Floyd*, um dos temas centrais do produto. A outra é por remeter a um conceito muito importante na literatura deleuziana, que é o conceito “de fora”.

Logo de início, o usuário irá ver um vídeo do *Youtube* com a música que dá nome ao *site*, *Is There Anybody Out There?* A seleção do vídeo em si tem um propósito, uma vez que foi escolhida não uma faixa digital (obviamente ela está digitalizada, pois está no *Youtube*), mas a matriz foi o disco em vinil do *The Wall*.

O vinil utilizava-se da tecnologia analógica para a reprodução do som. Com o passar do tempo e o avanço da tecnologia, o processo analógico foi substituído pelo digital. Hoje, temos arquivos em diversos formatos digitais em áudio, possibilitando o consumo de materiais midiáticos em diversos aparelhos e em diversas situações. Mas, como forma de reflexão, uma vez que há a relação entre *sociedade de controle* e desenvolvimento da tecnologia (sendo a tecnologia vigente, paradigmática, a digital), buscou-se fazer um jogo entre estas duas tecnologias. O próprio Deleuze em *Post scriptum para as sociedades de controle* chama a atenção para este problema:

“Os diferentes internatos ou meios de confinamento pelos quais passa o indivíduo são variáveis independentes: supõe-se que a cada vez ele recomeça do zero, e a linguagem comum a todos esses meios existe, mas é analógica. Ao passo que os diferentes modos de controle, os controlados, são variações inseparáveis, formando um sistema de geometria variável cuja a linguagem é numérica (o que não quer dizer necessariamente binária)” (DELEUZE, 2013 p.224).

Iniciar o *site* com uma música (que dá nome ao produto), fazendo-se referência a uma tecnologia que não está associada diretamente com a *sociedade de controle*, é uma forma de dizer ao usuário que há a possibilidade de um “lado de fora”, fora do controle, que tenta responder a própria pergunta que é feita na música.

Após o vídeo, há uma explicação sobre o produto, considerando que ele faz parte de um mestrado profissional, mostrando que está ligado a uma dissertação, associando isto tudo com a educação.

É apresentado, sucintamente, o problema das disciplinas, em Foucault, e como Deleuze dialoga com isso para introduzir a dimensão do controle, ou melhor, da *sociedade de controle*. Nesta parte, o usuário é apresentado ao texto principal da dissertação, *Post scriptum para a sociedade de controle*, sua problematização com a educação (que é explicitada na parte teórica da dissertação) e com a internet.

Tudo isso é explorado novamente, com mais detalhes, em páginas específicas para estes tópicos, como a relação do *The Wall* com a *sociedade do controle*, é trabalhado na seção *Fora e Dentro, confortavelmente controlado*, que trabalha tanto a questão ligada ao Pink Floyd quando ao conceito de “Fora” em Deleuze.



Is There Anybody Out T x +

file:///C:/Users/CN/Desktop/produto%20final/Produto/pagina%201/pg1.html

Então? Tem alguém aí fora?

Pink Floyd - Is there anybody out there? (Vi...

Ao se deparar com esta pergunta você pode se questionar: Fora de onde? É este tipo de questionamento que esperamos que você faça quando se deparar com este site!

Como produto final de um mestrado profissional, o intuito deste material, não é somente lhe oferecer uma vasta quantidade de conteúdos, sejam eles escritos ou midiáticos, mas sim te proporcionar uma experiência filosófica, ou seja, fomentar uma postura crítica em relação ao que será apresentado. Nada melhor do que uma pergunta para iniciar este processo!

Este site é resultado de uma pesquisa teórica que se encontra em uma dissertação de mestrado oferecida ao programa de mestrado profissional da FAE (Faculdade de Educação da UFMG). Em sua parte teórica a pesquisa se debruçou sobre o problema do controle na obra de Gilles Deleuze, especificamente em *Post scriptum para as sociedades de controle*, um pequeno texto que Deleuze escreveu no final de sua vida.

Controle? O que isso tem a ver com educação?

Fale ou digite

08:19 07/02/2017

Mídias e Resistência

Em *Mídias e resistência* o usuário encontrará uma pequena apresentação da forma como algumas mídias se apresentam problematizadora desta dimensão do controle.

O tema da resistência, em certa medida, é colocado, associando-o à prática política das minorias e suas *sub-versões*, a relação entre a forma como um discurso é passado, a tecnologia utilizada, ou seja, o meio de transmissão (a mídia).

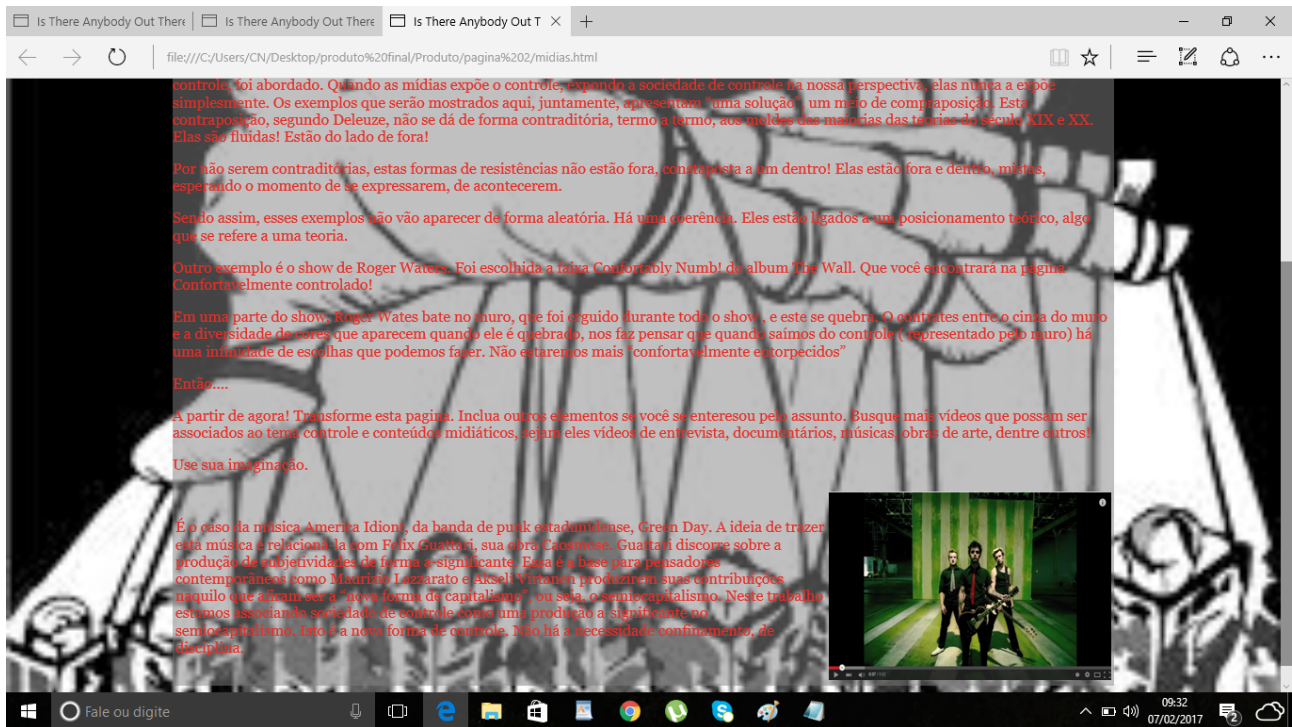
Nesta página o usuário terá um contato inicial com algumas temáticas do produto, que é a mídia e com isso se relaciona com a música do Green Day (que terá uma página exclusiva para tratar do assunto). Porém o que ele encontrará é uma sinopse.

Esse processo de influência da mídia na opinião das pessoas é delatada na música *American Idiot*, do *Green Day*. Esta música faz parte de um álbum com o mesmo nome, lançada em 2005, em plena operação dos Estados Unidos nas guerras de Iraque e do Afeganistão. É uma crítica a esta posição norte-americana. Uma das faixas do álbum é *Wake me up when september ends* (me acorde quando setembro acabar), clara alusão ao 11 de setembro.

É um álbum político. Letras carregadas de críticas ao modo como os americanos encaram as situações que lhes são apresentadas, e como a mídia televisiva é fundamental para se controlar uma “nação alienada”.

A parte que trata da resistência é associada ao *Pink Floyd*, mais especificamente a Roger Water, líder da banda nas décadas de 1960, 70 e 80 do século XX. Em suas apresentações, em 2014, ele utiliza vários efeitos especiais para passar suas mensagens. Uma delas é a construção de um muro (algo já feito na década de 1980), porém com a ajuda da tecnologia, esse muro se transforma em uma tela, onde se projetam imagens. O show *The Wall by Roger Water* (2014) é carregado de significado político, e denúncias a um controle que está em toda parte. Na faixa escolhida, *Comfortably numb*, em certo momento ele quebra esse muro com socos. Ao se estilhaçar, o muro dá abertura para o que “está atrás dele”, luzes e cores, que contrastam com o preto e cinza do muro.

O usuário terá contato com estas músicas no decorrer do site. Aqui o que ele encontrará é uma explicação sobre o tema Mídias e Resistência.



Deleuze e Guattari – Sociedades de controle e Educação

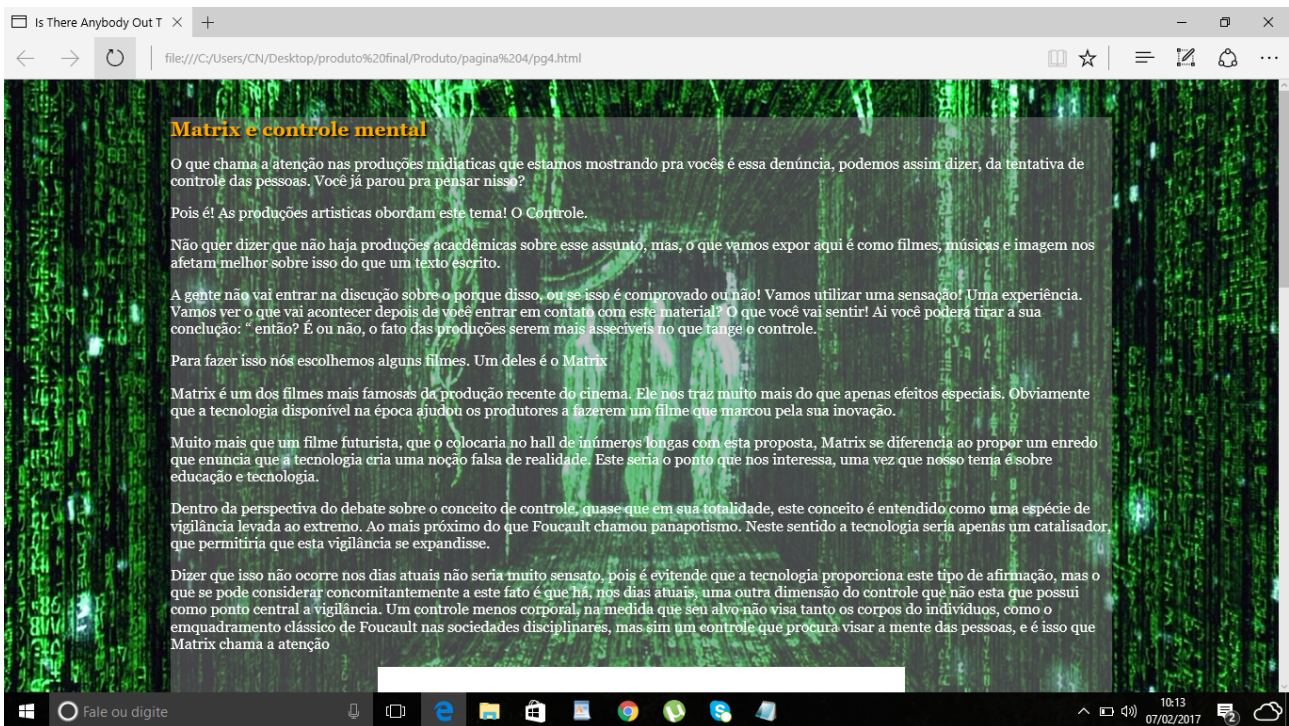
Esta página é dedicada ao conteúdo teórico do texto da pesquisa. Nele o usuário poderá ter contato rápido com o debate acadêmico sobre o tema e ficar instigado procurar a dissertação na universidade

De forma complementar, há um link para a página do Wikipedia sobre Deleuze, Guattari e um vídeos sobre Deleuze Guattari e a educação

Matrix e controle mental

O filme Matrix é uma das produções midiáticas que nos auxiliam a pensar a dimensão do controle, fora do ambiente acadêmico, indo ao encontro de expor o controle através da arte. Além disso o filme apresentam passagens onde a ênfase em um controle da mente é denunciado. Isso pode ser constatado nos diálogos entre Neo e Morfeu, e nos demais trechos escolhidos para compor esta parte do site.

Foi um escolhido um background (fundo de tela) que são pessoas dentro da Matrix, ou seja, dentro de configurações de programação, saindo por um porta.



Controle e produção de subjetividade

No texto da pesquisa, encontra-se uma discussão sobre o processo de subjetivação, tanto em Foucault quanto em Deleuze e Guattari. Ao defender que o ser humano é construído, estes autores assumem que não há uma essência, uma substância ao qual passa ser denominada “ser humano”. As subjetividades, termo escolhido por estes autores ao se referirem a isto, são construídas, através da normalização disciplinar, em Foucault, e através do gerenciamento dos desejos, para Deleuze e Guattari.

Um elemento retirado das obras de Deleuze e Guattari e a produção a-significante (já apresentada no texto teórico). Guattari trabalha extensivamente sobre este tópico em Caosmose, um livro de 1992. Neste texto ele expõe o papel da mídia de massa nesta produção e como isto impacta as decisões políticas em níveis globais. Como escreve em plena Guerra do Golfo, ele denuncia como a mídia americana cria as subjetividades de seu país com o intuito de justificar a guerra. A a criação de uma nação de “americanos” contra terroristas “árabes”.

Aqui aparece a música *American Idiot* do *Green Day*! Como já exposto em *Mídias e Resistência*, o banda expõe exatamente a problematização que Guattari aborda em *Caosmose*, como : “ não quero uma nação sob a influência de uma nova mídia”. Essa nova mídia é ataca em *Caosmose*. Guattari entendia que ele um maquina de produção de subjetividades. A televisão produz “pessoas nacionalistas (que vestem camisa da seleção) contra a corrupção”. Porem estas pessoas estão sendo controladas, estão sendo usadas, através da mídia, para fins políticos, assim como na Guerra do Golfo.

Temos um problema com o vídeo do *Green Day*. Não é uma boa tradução aquele que aparece na legenda. Porém as boas que foram encostradas tiveram problemas de direitos autorais, foram travadas, e não tocaram quando foram incorporadas só corpo do site. Deixo aqui o link de um vídeo com um boa tradução. <https://www.youtube.com/watch?v=FJhiVu4gunk>

Há também um vídeos com a banda Sepultura com a música *Territory*. Neste música, a banda belo-horizontina também denuncia a propaganda midiática que há por de trás dos conflitos autonomistas e por questões de reivindicação de fronteiras.

Contro e produção de subjetividade

Como vocês sabem há uma produção acadêmica sobre a Sociedade de Controle. Muitos aproximam suas interpretações sobre este tema da questão acerca da vigilância, seja ela virtual, através da tecnologia, seja ela fisicamente, de forma presencial. Há outras opções também, sobre o que alguns caras bem legais estão pensando, e eles estão associando a Sociedade de Controle, com uma nova interpretação do capitalismo. O Semicapitalismo. Esta interpretação já está presente nas obras de Deleuze e Guattari. Mas foi em um obra de Feliz Guattari, onde ele estuda a relação entre a produção midiática , sua transição em massa, como ele afirma, seria mais do que produção de conteúdo. É uma produção de subjetividades. Produção de subjetividade é quando se produz mais do que produtos, mas sim produz pessoas, identidades. Por isso as mídias tradicionais, como a televisão, são imprescindíveis nesta tipo de sociedade. Isso se dá porque não é uma simples transmissão de informação, mas uma transmissão através de signos Nesta transmissão o que mais importa não é o conteúdo daquilo que se está sendo dito. Mas sim o conteúdo sensorial. As imagens. Veja esta música da Banda Green Day e pense se vc concorda com ela está falando um pouco disso.

Green Day - American Idiot (Legendado)

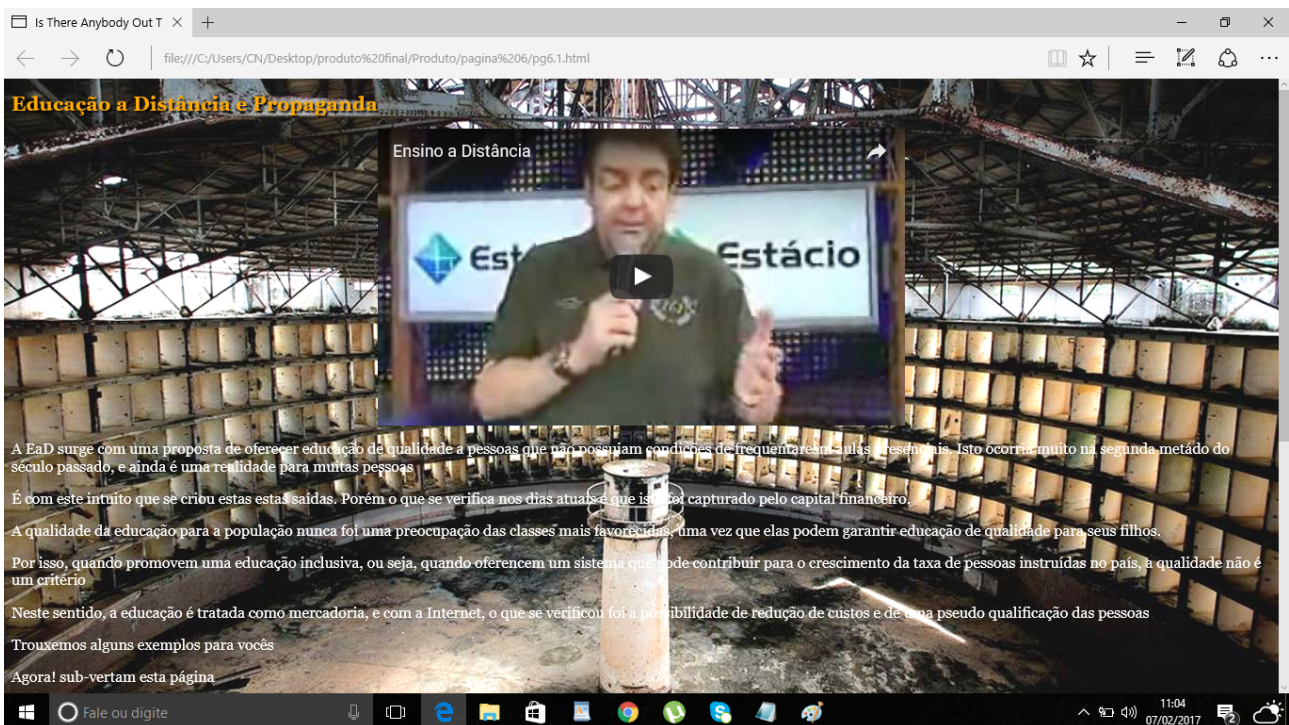
e cantando juntos em homenagem a era da paranóia

Então! o que você sentiu? O Green Day está denunciando a mídia norteamericana. Uma mídia que controla a nação inteira com sua produção de mundos. Produção de Mundos!!!! É isso que o semicapitalismo denuncia. Uma cartografi do desejo.

Educação a Distância e Propaganda

Pode-se analisar a EaD sob dois vieses, um sob o acadêmico, onde pesquisadores se deciam a promover um ensino de qualidade, mesmo a distância, seguindo certos critérios, e um ensino que foi englobado pelo capital. Em Educação a Distância e Propaganda, há uma denúncia de como isso vem ocorrendo no Brasil. Temos alguns exemplos da relação entre o marketing e com a educação vem sendo vendida.

Com BG¹⁷ escolhemos uma fotografia do panoptico de Bentham,



The image shows a video player interface. The video content features a man in a dark shirt speaking, with a large screen behind him displaying the logo for 'Estácio' (a blue diamond shape) and the word 'Estácio'. The background of the video is a large, industrial-looking structure with many small, illuminated compartments, resembling a panopticon. Below the video player, there is a block of text in Portuguese:

Educação a Distância e Propaganda

Ensino a Distância

A EaD surge com uma proposta de oferecer educação de qualidade a pessoas que não possuem condições de frequentar escolas presenciais. Isto ocorreu muito na segunda metade do século passado, e ainda é uma realidade para muitas pessoas.

É com este intuito que se criou estas estas saídas. Porém o que se verifica nos dias atuais é que isto foi capturado pelo capital financeiro.

A qualidade da educação para a população nunca foi uma preocupação das classes mais favorecidas, uma vez que elas podem garantir educação de qualidade para seus filhos.

Por isso, quando promovem uma educação inclusiva, ou seja, quando oferecem um sistema que pode contribuir para o crescimento da taxa de pessoas instruídas no país, a qualidade não é um critério.

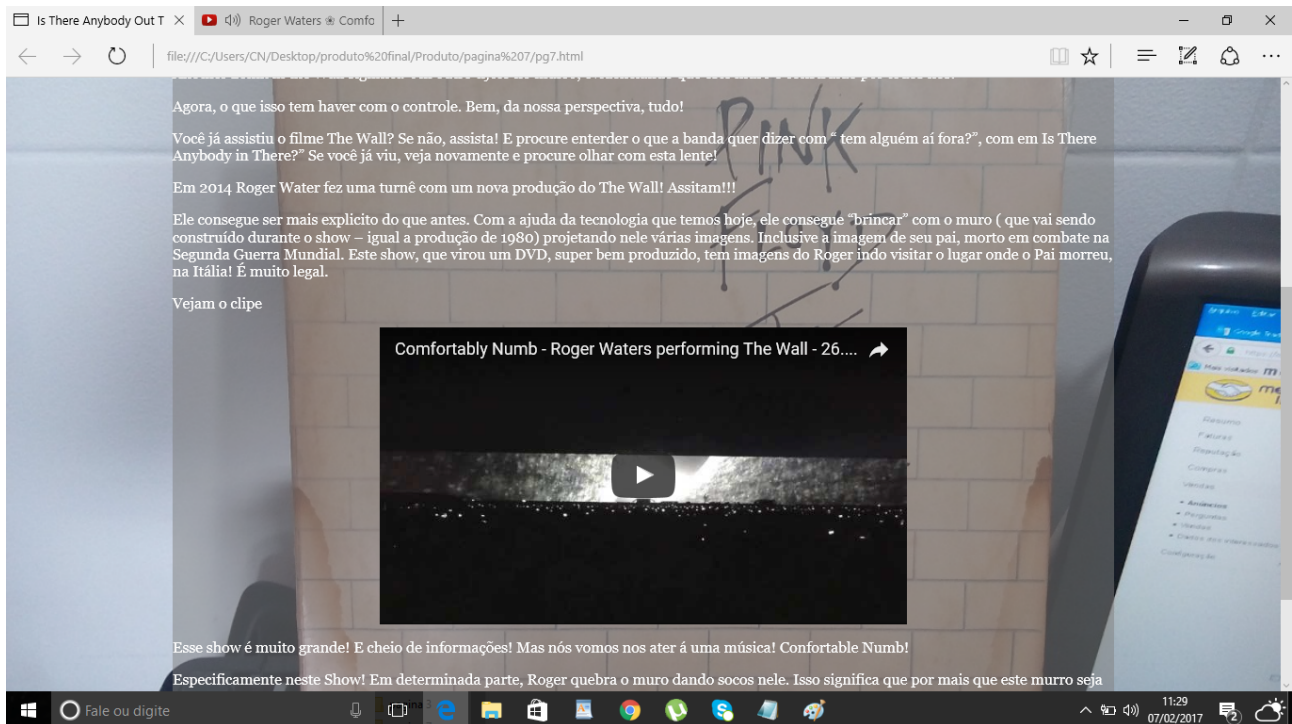
Neste sentido, a educação é tratada como mercadoria, e com a Internet, o que se verificou foi a possibilidade de redução de custos e de uma pseudo qualificação das pessoas.

Trouxemos alguns exemplos para vocês

Agora! sub-vertam esta página

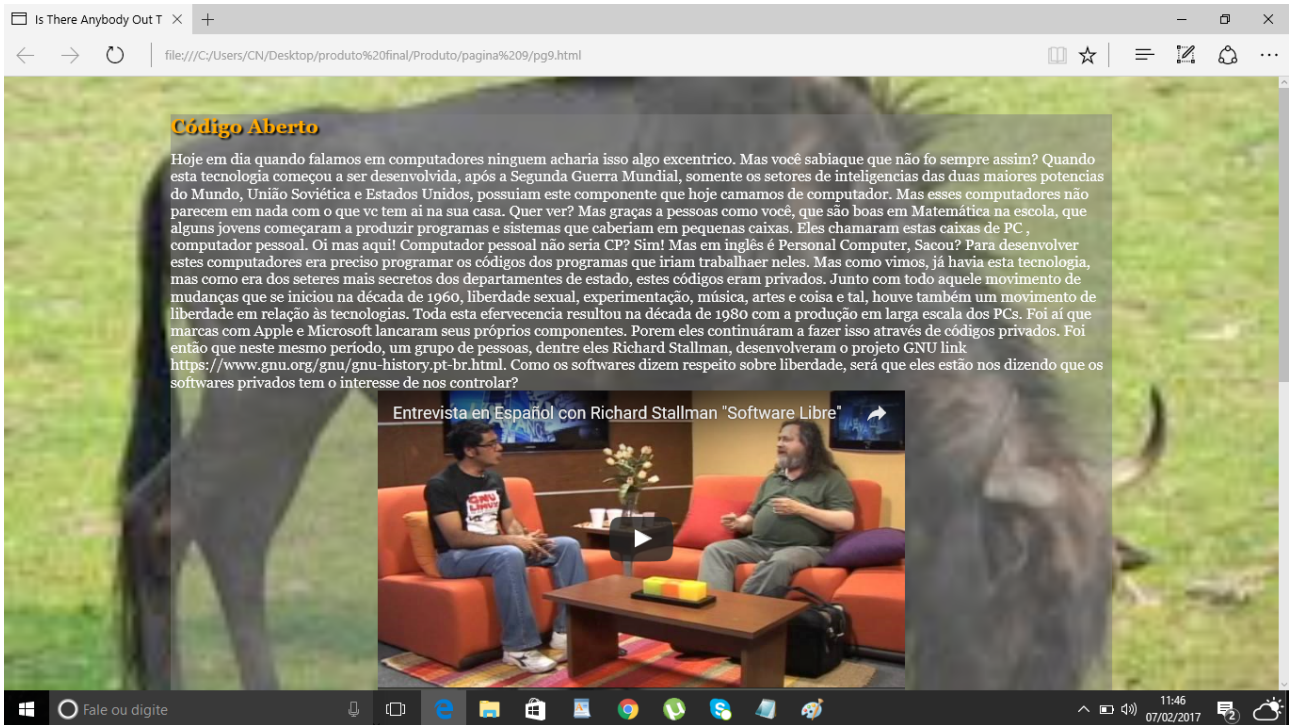
Fora e dentro, conformavelmente controlador

O termo 'fora' não significa oposto de 'dentro'. Quando as músicas do *Pink Floyd* se pergunta "tem alguém aí fora?" não estão se referindo do lado de fora. Estão se perguntando se há alguém que saiu disso tudo, saiu do controle. Neste sentido o usuário terá um contato com esta discussão ao assistir um clipe do Roger Water onde ele quebra o muro. Ou seja, ele dá a possibilidade de se criar um fora. Quebrar o muro é um analogia de saída do controle.



Código aberto

Em código aberto, o usuário encontrar uma discussão sobre sistemas que oferecem a programação original (assim como será feito com este site) de outros que não o fazer. Os vídeos de Richard Stallman, criador do projeto GNU irão oferecer subsídios para que se entenda o que está em jogo em se tratando de aquisição de tecnologias, e como isso pode impactar a Educação.



Conclusão

Ao se pensarem novas formas sobre como o poder se aplica à esfera social, chega-se a acreditar que os mecanismos utilizados (dispositivos), são também algo inédito. Ao se constatar que no modelo atual de sociedade, ao qual se associa, nesta pesquisa, ao conceito de *sociedade de controle* em Deleuze, se utiliza largamente da dimensão a-significante das subjetividades, assim com entendido por Guattari. Ele afirma que tal dimensão, atualmente, é mais determinante para a constituição de um modelo de poder, do que as dimensões consideradas significantes, próprias do simbólico. Porém, não quer dizer, que estas estratégias sejam algo que não tenham sido utilizadas no passado, não sendo, portanto, algo inédito.

A utilização de técnicas a-significantes com o intuito de se obter domínio político sobre um grupo de pessoas não se restringe ao cenário da *sociedade de controle*. Um exemplo que pode ser oferecido e que nos traz diversas contribuições é a relação entre imagem-saber-poder e sua expansão, catalisada pelas tecnologias de comunicação digital, abordada por Parra (2009), que demonstra como a Internet pode ser utilizada de maneira similar a utilizada por Thomas Hobbes em *Leviatã*, sendo um veículo para a emissão de uma imagem com viés político.

A contribuição de Parra se faz presente pois pode-se, através de seu auxílio, caracterizar a emergência de novos conflitos, a configuração da dimensão técnico-política do novo campo onde a disputa de poder pode ser travada, a internet. Neste sentido, entende-se que ciberespaço e internet sejam sinônimos, em se tratando de sua definição dentro do campo de análise política.

Esta perspectiva está em consonância com a temática aqui abordada, de forma em que se pretende relacionar o atual desenvolvimento da sociedade (a *sociedade de controle*), sua expressão na dimensão educativa, com suas especificidades e também sua relação com a tecnologia (a modalidade de educação a distância) e, finalmente, como estes dois elementos se colocam diante da dimensão prático-política que se pretendeu buscar como ponto de resistência a um assentimento precipitado às mudanças que ora se apresentam.

Considerando que toda a tentativa de se compreender o mundo em que se vive, não só motivado por uma curiosidade ingênua de como as coisas se configuram, mas sim, com o intuito de se entender os mecanismos pelos quais o poder se impõe às subjetividades, sejam elas nos moldes foucaultianos ao não, são um posicionamento político. Esta pesquisa visou não somente expor qual a relação entre a educação (especificamente a educação a distância), mas também um pensamento crítico sobre como tal evento pode ser associado à *sociedade de controle*, descrita por Deleuze, bem como propor meios pelos quais as subjetividades pudessem se contrapor.

Dessa forma, considera-se importante resgatar o surgimento do problema de pesquisa, visando elucidar o caminho pelo qual a mesma trilhou. Por se tratar de um mestrado profissional, é absolutamente necessário que tanto o problema de pesquisa, quanto a dissertação em si, tenham referência com a prática profissional do pesquisador. Neste caso, ela se iniciou dentro da própria UFMG, na Diretoria de Inovação e Metodologias de Ensino – GIZ, da Pró-Reitoria de Graduação da UFMG (PROGRAD).

No GIZ, este pesquisador trabalhou como Designer Instrucional, um profissional que adapta um modelo de curso considerado presencial para a modalidade a distância. Dentre as funções desenvolvidas, podem-se citar formas de atividades pertinentes à modalidade, dominando os recursos do *Moodle*, bem como ter criatividade na produção de mídias alternativas, como vídeos e animações. A equipe de trabalho tinha que produzir Objetos de Aprendizagem (OA), como o próprio nome sugere, uma coisa (Objeto) que auxilie a aprendizagem do estudante desta

modalidade. Nas pesquisas sobre como desenvolver objetos de aprendizagem, deparou-se com aquilo que se considera ser o maior dilema na produção destes objetos, a interatividade.

O problema da interatividade está estritamente ligado ao paradigma que se pretende escolher quando se oferece conteúdo a distância. Tais paradigmas não são exclusividade da EaD, como o paradigma centrado no professor. Pode afirmar que esse é o paradigma vigente, em sua maioria, na modalidade presencial, onde a função do professor é transmitir o conhecimento e do aluno apenas assimilá-lo. (continuar falando sobre a interatividade e como a internet depois ir efetivá-la)

O universo da EaD é estritamente ligado ao da tecnologia, e em sua grande maioria, tal tecnologia é pouco criticada (no sentido filosófico do termo), sendo, às vezes, até exaltada. Diante deste cenário, a tecnologia em si não seria algo essencialmente negativo, como se estivesse em um sistema maniqueísta (o bom e outro mal) de forma que era interessante para alguém que tivesse se formado estritamente em uma dimensão abstrata. Isso se deu nos primeiros meses de 2013. Em junho, do mesmo ano, eclodem as primeiras manifestações de rua no Brasil contra a realização da Copa do Mundo em 2014.

Uma das habilidades que se aprende em uma Faculdade de Filosofia, ao qual me graduei como bacharel) é sempre ter cuidado ao se aderir, sem questionamento, a algum tipo de posicionamento. Por isso, logo quando foram observadas as primeiras passeatas em São Paulo, houve certa incompreensão a respeito. Maior perplexidade ocorreu, ao não se saber, ao certo, o motivo pelo qual aquelas pessoas estavam protestando. Sabe-se que a origem foi o aumento das passagens de transporte público da capital paulista, que foi reprimida violentamente pela Polícia Militar do Estado de São Paulo.

Desde os anos como estudante do Ensino Médio, porém, há mais ou menos 20 anos, testemunho diversas manifestações deste mesmo gênero, tão violentas quanto, como por exemplo as manifestações em 1999 contra a implantação da zona de livre comércio das Américas (ALCA). Nunca houve comoção como aquela de 2013, ao ponto de levar para as ruas, no dia seguinte, centenas de pessoas. Era difícil entender que o motivo pelo qual se manifestavam era a violência da polícia na repressão àqueles que protestavam contra o aumento das passagens.

Concomitantemente a essa efervescência iniciada em junho de 2013, alguns meses antes, me via impressionado com as atitudes de algumas pessoas na internet. Iniciava-se um temor contra um

suposto “golpe comunista” que o Partido dos Trabalhadores (PT) iria praticar em 2014. Foi, então, que foram encontradas algumas páginas na rede social Facebook, que faziam uma caricatura dessa discussão, e outras que se contrapunham a estas caricaturas, defendendo o ponto de vista daquilo que se considera centro-direita.

Há muito não se via tanta mobilização no Brasil. Nem mesmo as manifestações que desencadearam o processo de *impeachment* do Presidente da República Fernando Collor de Mello foram tão grandes. Há de se lembrar que em 1992 não havia Internet como entendemos hoje. As manifestações de junho de 2013 só se comparam às das “Diretas já” em 1984, e anteriormente, às passeatas dos “Cem mil”, em protesto à ditadura militar em 1968. O que espantava na manifestação contemporânea é o fato de não haver um motivo aparente que justificasse colocar tantas pessoas na rua.

Como já mencionado, sua gênese teria sido a truculência da Polícia Militar contra manifestantes em São Paulo, o que rendeu o famoso jargão de Analdo Jabor: “Mas são só 20 centavos”. Ou seja, isso sinalizava que a grande mídia, oligopólica e transversal, se colocava contra as manifestações em sua fase embrionária. Naquele momento, esses eram os motivos pelos quais se protestava, o que causava perplexidade, pois isso acontece frequentemente, ou seja, há anos há protestos como o praticado pelo *Movimentos passe livre* (MPL), aos quais são reprimidos com violência e nunca vi tanta gente sair às ruas defendendo um pauta da esquerda como esta, o aumento das passagens. Me recusava a acreditar que isso fosse de fato o motivo pelo qual aquelas pessoas estavam indo às ruas.

Como era junho de 2013, e neste período onde se realiza a chamada Copa das Confederações, torneio de futebol organizado pela FIFA, qual serve de preparação para um país-sede da próxima Copa do Mundo, as manifestações passam a ser contra os gastos que o governo do PT teria efetuado para a construção e reforma de estádios para a realização deste evento. O que me espantou cada vez mais, pois, não houve nenhuma reação no momento em que foi informado que haveria a Copa no Brasil (pelo contrário, houve euforia) e durante as reformas, que duraram cinco anos, não houve nenhuma protesto enquanto isso se efetuava. Seria muito estranho somente quando os estádios foram entregues que se questionasse o fato de eles terem sido feitos ou reformados, bem naquela situação.

Como isso era ilógico, o motivo pelo qual servia de impulso para as manifestações passou a ser a corrupção. Dessa vez o espanto foi maior. Era difícil acreditar que quase um milhão de pessoas

(somando todas as manifestações do mês de junho e em todo o país) foram às ruas protestar contra a corrupção, sem nenhum motivo aparente – uma vez que o governo vigente neste período não foi alvo de nenhum escândalo de corrupção – e nunca o fizeram quando de fato houve motivos reais para que se pudesse fazer uma expressão cívica desta magnitude.

Tais questionamentos me serviram de inspiração para fazer um objeto de aprendizagem no GIZ, que entraria em um de nossos projetos. Esse objeto questionava exatamente se a mobilização que gerou as manifestações de 2013 foram, de fato, espontâneas, ou pelo contrário, foram arquitetadas e direcionadas ao grande público.

Os elementos que serviram de matéria-prima para este OA (foram alguns materiais audiovisuais, como matérias retiradas da Internet, vídeos de *Youtube*, Primeiramente, é de se ressaltar que, pelo fato de haver um evento de futebol em curso no país, houve várias propagandas com a temática de futebol neste período, mas, uma em especial me chamou a atenção durante as manifestações. Era uma propaganda de uma empresa de automóveis, chamando todas para irem as ruas com o seguinte jargão: “vem pra rua, que a rua é a maior arquibancada do Brasil”.

A pergunta que se pode fazer é a seguinte: Como colocar centenas de pessoas nas ruas sem um motivo aparentemente concreto para isso? A resposta poderia ser simples, de forma a-significante, ou se utilizando o regime imagético (PARRA, 2013). Não se afirma que foi somente uma simples propaganda de TV que foi o fomentador de todo esse efeito, mas uma gama de signos disparados aos nossos aparelhos sensoriais. O agenciamento destes dispositivos não se deu somente em um ramo da mídia tradicional, foram advindos da TV, do rádio, do *Facebook*, do *Youtube* e da internet como um todo, aquilo que divertia ao encontrar nas páginas da web podia servir para algo muito mais estratégico.

Não era somente eu que não entendia o que estava acontecendo. Houve dois tipos de reação, uma que aderiu aquele movimento de forma rápida, sem se perguntar o quem estava por detrás daquelas manifestações (até mesmo se dizia que eram espontâneas) e outro tipo de reação que era aquela de se perguntar sobre sua “natureza”. Nos primeiros dias das manifestações a grande mídia estava completamente contra o que estava acontecendo. Um pequeno levantamento das matérias jornalísticas das primeiras passeatas releva qual era o “lado” das mídias naquele início. Porém, de forma repentina, a mídia muda de discurso e passa a apoiar as manifestações.

Neste início, e em todo o decorrer das manifestações de 2013, pode-se dizer que tanto a esquerda quanto a direita foram para as ruas. O mais estranho é que diversos slogans de extrema direita começaram a aparecer nas manifestações, algo como, “o gigante acordou”, “veras que o filho teu não foge à luta” e coisas deste tipo.

A versão de uma parte da esquerda era a de que a direita se aproveitou do movimento. Para corroborar esta hipótese, seria necessário que tal movimentação fosse espontânea, tese que se rejeita nesta pesquisa. O principal argumento para não se posicionar em acordo com a tese de que as manifestações foram um fenômeno espontâneo foi a constatação de que isso não proveio de uma escolha voluntária.

Primeiramente, como posto a cima, não se encontrava manifestações desta magnitude sempre quando a suposta causa era encontrada. Por exemplo: se a reivindicação principal era a corrupção, sempre quando houvesse um novo escândalo denunciando algum ato corrupto, esperava-se que houvesse manifestações. Mas o que se constatou era que quando houve algum escândalo expondo uma suposta atividade corrupta, não houve a mesma reação por parte dos manifestantes. Entende-se, portanto, que a manifestação era contra o governo do PT, e não contra a corrupção. O ponto central é que não havia um motivo tão relevante para isso. Conclui-se dessa forma que tal manifestação não podia ser espontânea

Neste contexto, a internet foi essencial para um contraponto nos discursos sobre as manifestações. Como a mídia tradicional oferecia somente a visão de tudo que ocorria era um ato que refletia um entendimento apurado do que estava acontecendo, apresentando em suas matérias somente as interpretações conservadoras sobre a política atual do país, exaltando os cartazes e jargões da extrema direita, foi importante ter na internet um campo fértil para se desconstrair o discurso que se vinculava na mídia tradicional. Descortinava-se o fato de a internet ter a possibilidade de se tornar um espaço para a disputa política, se tornar uma forma de esfera pública. Este fato me chamou a atenção, mas em 2013, ficou apenas como algo a ser explorado posteriormente.

Paralelamente a toda esta agitação política, o trabalho com a educação a distância continuava, e sempre me chamava a atenção a relação entre educação e filosofia. Foi então que ingressei no grupo de estudos sobre filosofia da diferença e educação, o Grupelho. Era um grupo (e continua sendo) que estudava basicamente as obras de Gilles Deleuze. Quando entrei no grupo iniciou-se o estudo do livro *As revoluções do capitalismo* de Maurizio Lazzarato. As análises de Lazzarato eram algo

novo para um estudante de filosofia que se formou de forma clássica. Entender o capitalismo, e consequentemente a sociedade, por outro paradigma, questionando os pontos de vista baseadas na universalidade, como por exemplo a noção de sujeito, de capital, de individualidades dentre outros fatores, me descortinou uma forma diferente de pensar aqueles antigos problemas encontrados pelos filósofos políticos. Logo em seguida lemos Foucault e Deleuze. Iniciamos Deleuze com *Post scriptum para as sociedades de controle*.

O tema sobre a sociedade de controle não era novo. As revoluções do capitalismo de Lazzarato possui um capítulo inteiro sobre este tema. Neste capítulo encontra-se a relação entre a sociedade de controle e Educação a Distância, onde o autor afirma que o controle é exercido a distância, uma clara influência do pensamento de Gabriel Tarde na obra de Deleuze, regatada por Lazzarato. A pesquisa de Tarde propõe um rompimento com a sociologia clássica, principalmente a de Marx e Weber, pois segundo ele, tais teorias não compreendiam a individualidade enquanto uma singularidade, com suas próprias manifestações, e sim como determinidades impostas pelos universais. Tarde se aproxima da Monadologia de Leibniz.

Ao enxergar a sociedade por este prisma, Lazzarato abre caminho para se pensar uma subjetividade diferentemente da forma como se concebe as análises clássicas, que segundo ele, nos impedem de ver as mudanças que estão em curso na atualidade. Até mesmo “as lentes” utilizadas por Foucault não nos permitiriam entender o que Deleuze chamou de sociedade de controle, pois estas sempre se voltaram para os corpos dos indivíduos, ao passo que na sociedade de controle há um gerenciamento das multiplicidades, algo que o corpo enquanto unidade, é insuficiente.

Enquanto as disciplinas e a *biopolítica* visam o corpo, a sociedade de controle visa as multiplicidades. Neste sentido, o fator a distância torna-se essencial, pois não há mais a necessidade de contato físico entre corpos. De acordo com Lazzarato, Tarde já chamara a atenção para este tipo de fenômeno social e político, quando entendeu que a criação da imprensa e a circulação do jornal impresso, tinha exercia sobre o público, propagando não apenas informação, mas também opiniões. O que talvez Tarde fosse impossibilitado de prever era a simbiose entre grandes corporações, grandes portadoras de poder financeiro, com a produção e vinculação das opiniões. No início do século, Tarde identificou que, mediante a tecnologia que se dispunha na época, um vasto número de pessoas consumia um mesmo tipo de informação. Com o jornal, a informação que antes era transmitida de forma individualizada, passa a ser transmitida a várias pessoas de forma simultânea.

A criação de um público cativo para a transmissão das opiniões era um elemento novo e que, no decorrer dos anos, ganha complexidade.

O avanço da tecnologia proporcionou cada vez mais a fluidez dessas transmissões, aumentando o espectro ao qual seria capaz de alcançar, bem como sua rapidez e eficácia. O advento do rádio foi um exemplo singular, pois expressava não só a possibilidade de informar a população, mas também a de fomentar outro elemento que se desenvolveu neste período, a propaganda.

A dependência da transmissão de informação diante da tecnologia, trazia suas consequências. Para haver avanço tecnologia é imprescindível que haja investimento. Esses investimentos advém principalmente de dois setores, o privado, grandes empresas interessadas em novidades que possam se transformar em produtos capitalistas, ou o poder público, que visa o desenvolvimento de sua própria nação.

Nos dois casos fica clara a dependência da tecnologia a uma espécie de interesse. É o surgimento da transmissão verticalizada de informação, ou o paradigma transmissivo.

Um público em uma posição passiva é bombardeado de informações, tidas como verdadeiras, que são absorvidas com pouco censo crítico, ou quase nenhum. Aparecem exemplo ... como a propaganda nazista na segunda guerra mundial, onde o rádio era usado para passar ao público uma ideia diferente da que realmente estava acontecendo. Ou as grandes corporações financeiras, ao criar seus produtos utilizam-se da tecnologia para não somente divulgar suas produções, mas para induzir a serem consumidas. Isso se torna evidente com o advento da televisão. Esse percurso da informação, sua transmissão e sua captura pelas grandes corporações é amplamente debatido nas obras de Manuel Castells. Principalmente em *Redes de indignação e esperança* (2013).

Diante do desafio de propor uma relação entre educação a distância e sociedade de controle, tentando estabelecer um levantamento bibliográfico para o projeto de pesquisa, procurei autores que falassem sobre organização política através da internet. Foi então que o título *Redes de indignação e esperança* me saltou aos olhos na prateleira da biblioteca.

Por se tratar de algo relativamente novo, não foi fácil encontrar material sobre este tema, porém Castells não somente atendeu a necessidade da pesquisa, como contribui de forma significativa ao propor uma análise das diversas manifestações iniciadas na década de 2010 e sua relação com o avanço tecnológico. Ele afirma que, diante do controle da mídia em alguns países do oriente médio

pelos seus respectivos governos, somente a internet seria capaz de furar a barreira imposta por este controle. Mídias como *Twitter*, segundo Casttels foram utilizadas para repassar informações sobre as manifestações que se estruturaram contra a repressão a protestos por determinados acontecimentos. O que ficou conhecido com *primavera árabe*.

A análise de Casttels sobre a primavera árabe é romântica, e não leva em consideração os resultados dela advindos, como ditaduras militares, guerra civil e conflitos mais complexos, com a guerra da Síria. O enfraquecimento de governos fortes nesta região, proporcionou o aparecimento de grupos fundamentalistas extremos, como o Estado Islâmico. Porém o que se fez interessante para esta pesquisa, que não tem compromisso em defender a primavera árabe, nem em se afirmar que todos os movimentos que se organizaram através da internet são perfeitos, é que, de fato, a internet pode ser uma alternativa às mídias tradicionais, transversais e monopólicas, e pode ser utilizada para se contrapor a um discurso manipulador e conservador, dependendo da maneira como é utilizada.

Em *Redes de indignação e esperança*, Casttels expôs como vários movimentos sociais como o *Occupy wall street*, movimento que estimulou as recentes ocupações a prédios públicos, como escolas públicas em São Paulo, e as recentes ocupações em universidades em todos países, se conectaram em redes, não somente redes digitais, mas redes de pessoas, de grupos, de ideias. A peculiaridade destes movimentos, segundo Casttels é seu caráter apartidário e sem uma liderança aparente e sem uma organização formal. Há também uma desconfiança em relação à velha mídia tradicional. Segundo Casttels, esse será o cenário dos movimentos sociais no século XXI.

A internet é a grande plataforma onde tudo isso se desenvolve. Por permitir uma tecnologia digital, ela se torna multimodal, permitindo uma grande produção de informação e compartilhamento. Neste universo, as redes aí desenvolvidas não se assemelham às grandes produções, frutos das organizações de comunicação, mas se apresentam de forma horizontalizada, não havendo uma distinção rígida entre o produtor de informação e o receptor, surge o fenômeno da auto informação.

A auto informação só é possível mediante a autonomia de cada indivíduo. Diferentemente da mídia tradicional, onde há uma seleção da informação que será veiculada, de acordo com certos interesses, sendo destinada a uma massa de espectadores. O critério de escolha da programação dos canais de comunicação tradicionais, segue o interesse de cada empresa. Tal programação vai de entretenimento (o velho pão e circo) até a versão dos fatos jornalísticos que seja mais interessante

para seu segmento empresarial. Há vinte anos a traz era quase impossível ter outra versão dos fatos, e o que era transmitida pela televisão era praticamente considerado verdadeiro por todas as pessoas.

Os canais de comunicação também se conectam em redes. Redes financeiras, políticas, empresariais. Criam monopólios, impõem tendências televisivas, bombardeiam seus telespectadores com sua metralhadora de signos. Disseminam o terror com programas onde a violência é a maior atração. Expõe a vida alheia, invadem a privacidade de milhares de pessoas. Zombam até mesmo das mais nefastas manifestações da crueldade, ridicularizando o desespero daqueles que denunciam a barbárie humana, utilizando personagens com o grande irmão (*big brother*) de George Orwell como nomes de programas, onde exatamente aquilo que profetizava, sendo a maior infração contra um ser humano, a perda de seu espaço privado, é exibido e comercializado. Em suma, os meios de comunicações tradicionais estão controlados por grandes corporações.

Somente com a internet a auto informação é possível, embora não seja um terreno completamente inofensivo (GALLOWAY 2004), pois mesmo descentralizada, está sujeita a um protocolo, onde DNS e IP podem ser rastreados, há mais liberdade do que o jornal impresso, o rádio e televisão. Na internet não encontramos o S.I.G, segmentariedade, instantaneidade, globalização (ALLEMAND, 1980). A informação não chega a todas as pessoas no mesmo instante. Há a liberdade de se ler uma matéria em um outro momento que não aquele imposto pelo veículo, e mais do que isso, quem procura por aquilo que se lê é o leitor, não é verticalizada a transmissão da informação.

Fica explícita a diferença entre a internet e as outras mídias tradicionais, porém o que Casttels não percebe é que, mesmo sendo horizontalizada, a internet não fica livre da produção de conteúdos veiculados com o intuito de controlar a mente das pessoas. Segundo Parra (2009) a mescla entre elementos visuais e políticos se intensificaram com a internet, mas não se pode afirmar que a utilização de elementos estéticos seja algo novo, algo que surge somente na era digital, técnicas similares eram utilizadas na modernidade, como a capa do Leviatã, por exemplo.

Para Parra a criação do desenho que aparece na capa do livro de Thomas Hobbes não é um elemento aleatório, algo que fica apenas no âmbito artístico. Em *Leviatã e as redes* (PARRA, 2009) fica muito bem esclarecido que a finalidade de Hobbes ao pedir que o desenho fosse feito, era político. Dessa forma, as acusações que foram destinadas a Hobbes de que tal desenho ofuscou sua obra, uma vez que sabemos mais sobre o nome do monstro que aparece na capa do livro (o Leviatã)

do que seus argumentos políticos escritos na obra não procedem, pois, o interesse de Hobbes era a persuasão, não importando muito a maneira como isso seria concretizado.

Como a maioria das pessoas não possuíam condições para ler um livro e entenderem o que Hobbes escreveu, e havendo a necessidade de mantê-las obedientes ao monarca, necessitava-se de técnicas que fossem eficazes, possíveis de serem assimiladas. Essas pessoas aos quais o desenho do Leviatã foi destinado não possuíam condições para se distanciarem do elemento artístico da obra, mantendo suas convicções diante de a transmissão daquela informação, a qual não era discursiva. Outro fator que Parra chama a atenção na polêmica envolvendo a capa do Leviatã é sua relação com a tecnologia (PARRA, 2009).

O que pode ser constatado, portanto, segundo os trabalhos de Parra, é que Hobbes sabia desta dimensão das subjetividades que não se atinge através dos discursos racionais. Há uma dimensão que subjaz nosso intelecto. Mesmo um discurso pode não ser racional. Aquilo que Platão chamou de *representação (phantasia)*. Um discurso falso, sendo assim uma espécie de imagem, uma fantasia.

Diferentemente de Platão, Hobbes usa a fantasia. Embora esta afirmação possa ser complexa, uma vez que se pode encontrar elementos retóricos nas obras de Platão com o mesmo intuito. Porém em Leviatã ela torna-se para ele um exercício de retórica bastante preciso. Isso não significa que há somente fábulas fantasiosas no Leviatã, há um discurso significante, porém o que mais impactou em sua obra foi a imagem que escolhe para ser a capa do livro. Hobbes se utiliza do regime imagético, atinge outras faculdades da mente humana que não a do entendimento racional. Utiliza-se de uma arma bastante poderosa, o terror.

Ao contrário do que pensa o senso comum, o terror não se limita a bombas sendo explodidas em ônibus, ou em praças, não significa apenas pessoas atirando em estações de metros ou em aeroportos. O imantação do terror pode vir a distância. Pode vir através da tela dos televisores que estão na maioria das casas deste planeta. A imagem do terrorista é um exemplo disso. Homem moreno, baixo, barbudo, com feições do oriente médio. Isto já é suficiente para alguém entrar em pânico. O resultado disso advém das imagens criadas pelas mídias tradicionais, especificamente as norte-americanas, que fomentam isso constantemente nos Estados Unidos.

O regime imagético é um excelente ganho conceitual para pensarmos as produções a-significantes, uma vez que não entra no esquema de significante/significado. Ou seja, não há significação para um

imagem produzida para controlar, o que há é apenas a marca (*pathos*). Não está no nível de ser pensada, categorizada, classificada, é a-significante. Mas é capaz de levar milhões de pessoas a comprar um determinado tipo de sanduíche, que por sinal não vale o preço que custa. Há algum significado nisso. Alguém pode explicar racionalmente o valor daquele produto?

Da mesma forma não há significante, (nem significado) no *Leviatã* de Thomas Hobbes, mas ele exerce sua função. A população da época entendeu a mensagem que Hobbes queria passar. Entendeu no sentido imagético. Hoje em dia experienciamos o mesmo.

O quadro político atual do Brasil é um exemplo disso. Milhares de pessoas foram às ruas em 2013 a-significadamente, e continuaram nos anos posteriores, até culminar no impeachment da presidenta Dilma Rousseff. O recente clamor contra a corrupção não está fundamentado em um discurso racional. Se fosse um silogismo do tipo $A \rightarrow B$; A; então B, toda vez que um político com antecedentes de atos de corrupção fosse nomeado para exercer um cargo de ministro de estado, por exemplo, a indignação desta população sedenta, cansada da corrupção, teria que se manifestar.

Não o fazem, por ser a favor daquele político. As vezes nem o conhece. Mas se não fossem formatados a-significadamente não protestariam. Só protestam quando são controlados. Da mesma forma que são induzidos a comprar um tênis que custa mais de dez vezes o seu valor. Não pode ser de forma significativa.

Esta pesquisa associou a produção a-significativa às sociedades de controle. Diferentemente das sociedades disciplinares, que controla o corpo das subjetividades, as sociedades de controle controlam a mente, a distância. Sendo a tecnologia um veículo para esta empreitada.

Como a Internet é um terreno amplo nesta batalha, pode-se ser utilizada como ferramenta. Isso dependerá da forma como será utilizada. Sua eficácia é algo que deverá ser comprovada em pesquisas posteriores. Mas, o que pode ser afirmado de forma categórica, é que sua estrutura horizontal e descentralizada fornece meios que outras mídias não ofereciam. Ou ofereciam em menor escala.

Sendo isso uma constatação, uma educação que se utiliza desta ferramenta pode ser uma linha tênue entre o controle e a liberdade. Como profissional da EaD, foi quase que impossível não fazer esta pesquisa.

Dessa forma, tanto o site, quanto o texto escrito, foi um colaboração parra a EaD, no sentido de oferecer um pensamento crítico diante do cenário que se apresenta. Não há mais como retornar ao passado e viver sem a tecnologia. A EaD continuará existindo,, mas temos que olhar com atenção pois é possível que no futuro todo o processo educativo seja em modalidades similares.

Referências

- ALLEMAND,E. **Pouvoir et Television :Les machines d’ organisation**. Paris, 1980
- ALMEIDA, M. E. B Incorporações da tecnologia de informação na escola: vencendo desafios 2002
- BEY, Hakim.**Taz: zona autônoma temporária**. São Paulo: Conrad, 2001
- CASTELLS, M. **Redes de Indignação e Esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013
- _____. **The internet galaxy : reflections on the internet, business and society**. New York: Oxford University Press, c2001
- CORRÊA, J. **Educação a distância: orientações metodológicas**. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 2013.
- DELEUZE E GUATTARI. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, Vol.1 trad. Ana Lúcia de Oliveira, São Paulo, Editora 34, 1995.
- DELEUZE E GUATTARI. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, Vol.1 trad. Luiz B. L. Orlandi, São Paulo, Editora 34, 2010.
- FILATRO, Andrea. **Design instrucional na prática**, São Paulo, Pearson Education do Brasil, 2008
- Microfísica do Poder, [1979]. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto de Machado. 25ª edição. São Paulo: Graal, 2012.
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: história da violência nas prisões, [1975]. Tradução de Raquel Ramallete. 40ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012
- FOUCAULT, **Michel; Segurança, território, população** (1977 – 1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008

- _____ O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H e RABINOW, P (Orgs) **Michel Foucaut: Uma trajetória filosófica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995
- GALLO, Sílvio; ASPIS, Renata Lima. Ensino de filosofia e cidadania nas “sociedades de controle”: resistência e linhas de fuga. **Pro-Posições**, v. 21, n. 1 (61), p. 89-105, jan./abr. 2010
- GALLOWAY, Alexander, **Protocol: how control exists after decentralization**. Massachusetts, MIT press, 2004.
- GNERRE, Maurizio. Linguagem, poder e discriminação. In: **Linguagem**, escrita e poder. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 5-34.
- GUATTARI, Felix. **Caosmose: Um novo paradigma estético**. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Ed. 34, Rio de Janeiro
- _____ micropolítica cartografias do desejo
- HABERMAS, Jüing. O discurso filosófico da modernidade. Lisboa: Dom Quixote, 1998 350p.
- LAZZARATO, Maurizio. **As revoluções do Capitalismo**, Trad. Leonora Corsini, Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2006.
- _____. **Puissances de l'invention: la psychologie économique de Gabriel Tarde contre l'économie politique**. Paris: Les Empecheurs de Penser en Rond, 2002
- NEURATH, Wolfgang. Semiokapitalismus und imperiale Kontrollgesellschaft Zur Digitalisierung der Produktion am Beginn des 21. Jahrhunderts. **Medienimpulse**, v. 4, dez. 2014 p.
- PARRA, H. **O Leviatã e a rede: mutações e persistências político-estéticas**. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000448289>. Acessado em 17/06/2016
- ROJO, Roxane; ALMEIDA, Eduardo de Moura (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012
- SABOT, Philippe. Une société sous contrôle?, **Methodos : Savoirs et Textes** v.12| dez. 2012, disponível URL: <http://methodos.revues.org/2941> acessado em 17/05/2015
- (STEIN, 2008).
- TARDE, G. **L'opinion et la foule**. Paris : Presses Universitaires de France, 1989.
- VIRTANEN, Akseli. **O discreto charme do precariado**. In **Máquina Kafka**. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo, Editora n -1. 2011.